

COLETÂNEA

# MINHA HISTÓRIA, MINHA TRADIÇÃO



## **Projeto**

Instituto Cultural Filhos de Aruanda, 2024

Projeto Coletâneas FMDCA, COMDICA RG 2022

Revisão: Natalia Monteiro Guterres

Artes/desenhos: Cesar Augusto de Souza Pereira

Arte capa: Cesar Augusto de Souza Pereria

Coordenadora do Projeto/Instrutora: Cristiane Troina

Coordenador Geral: Cristiano Avila

Termo de Fomento: 175/2023/FMDA/COMDICA



Cristiano Avila Acosta  
Cristiane Troina Ferreira  
ORGANIZADORES

COLETÂNEA  
**MINHA HISTÓRIA,  
MINHA TRADIÇÃO**



Porto Alegre | Rio Grande  
2024

Copyright ©2024 Instituto Cultural Filhos de Aruanda.

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores.

LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS



Atribuição - Não Comercial - Sem Derivadas 4.0  
Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)

**Você é livre para:**

**Compartilhar** - copie e redistribua o material em qualquer meio ou formato. O licenciante não pode revogar essas liberdades desde que você siga os termos da licença.

**Atribuição** - Você deve dar o crédito apropriado, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer maneira razoável, mas não de maneira que sugira que o licenciante endossa você ou seu uso.

**Não Comercial** - Você não pode usar o material para fins comerciais.

**Não-derivadas** - Se você remixar, transformar ou desenvolver o material, não poderá distribuir o material modificado.

**Sem restrições adicionais** - Você não pode aplicar termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam legalmente outras pessoas a fazer o que a licença permitir.

Este é um resumo da licença atribuída. Os termos da licença jurídica integral está disponível em:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode>

**EXPEDIENTE:**

Projeto gráfico e diagramação:  
Editora Casalettras

Capa:  
Cesar Augusto de Souza Pereira

Revisão:  
Natalia Monteiro Guterres

Ilustrações:  
Cesar Augusto de Souza Pereira

Editor:  
Marcelo França de Oliveira

**CONSELHO EDITORIAL**

Dr. Airton Pollini  
*Université Haute-Alsace, Mulhouse, França*

Dr. Amurabi Oliveira  
*Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC*

Dr. Aristeu Lopes  
*Universidade Federal de Pelotas/UFPEL*

Dr. Elio Flores  
*Universidade Federal da Paraíba/UEPB*

Dr. Francisco das Neves Alves  
*Universidade Federal do Rio Grande/FURG*

Dr. Fábio Augusto Steyer  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG*

Dr. Giorgio Ferri  
*Università degli Studi "La Sapienza", Roma, Itália*

Dr<sup>a</sup> Isabel Lousada  
*Universidade Nova de Lisboa*

Dr. Jonas Moreira Vargas  
*Universidade Federal de Pelotas/UFPEL*

Dr. Luiz Henrique Torres  
*Universidade Federal do Rio Grande/FURG*

Dr. Manuel Albaladejo Vivero  
*Universitat de València, Espanha*

Dr<sup>a</sup> Maria Eunice Moreira  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS*

Dr. Moacyr Flores  
*Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul/IHGRGS*

Dr<sup>a</sup> Yarong Chen  
*Beijing Foreign Studies University, China*

### Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C6798 Coletânea: minha história, minha tradição / Cristiano Avila Acosta e Cristiane Troina Ferreira (Org.). Porto Alegre: Casalettras; Rio Grande: Instituto Cultural Filhos de Aruanda, 2024.

172 p.  
Bibliografia  
ISBN: 978-65-5220-012-9

1. Cultura e Instituições - 2. Povos e comunidades tradicionais - 3. Ancestralidade - 4. Infância - 5. Tradição - I. Acosta, Cristiano Avila - II. Ferreira, Cristiane Troina - III. Título

CDU: 301

CDD: 306

  
**casaletras**

EDITORA CASALETRAS  
R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade Baixa  
Porto Alegre - RS - Brasil CEP 90050-103  
contato@casaletras.com  
www.casaletras.com

*Povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.*

(inciso I Art. 3º Decreto 6.040 / 2007)



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>9</b>
<b>O PROJETO</b> .....	<b>13</b>
<b>POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DE TERREIRO</b> .....	<b>15</b>
<b>UMBANDA É MEU LAR</b> .....	<b>17</b>
JHULIÊ .....	18
JÚLIA.....	20
ODOYÁ.....	24
ANA LUIZA .....	25
EMILLY .....	30
CAUÃ .....	33
GABRYELE .....	36
ARTHUR .....	39
MATHEUS .....	41
ÌYÁ.....	44
<b>POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DE</b>	
<b>PESCADORES</b> .....	<b>48</b>
MAGDIEL.....	50
EMANUELLY .....	54
SAMUEL .....	58
JOSÉ ROBERTO.....	61
<b>POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS QUILOMBOLAS ...</b>	<b>63</b>
LAUREN .....	65
EMANUELLY .....	69
ANA LUIZA .....	73
QUEM SOMOS NÓS.....	79

**POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS INDÍGENAS**

**POVOS ORIGINÁRIOS.....88**

ORTIS .....90  
BEATRIZ.....93  
MATEUS .....95  
AURELIANO.....97  
EDUARDO .....100  
REDAÇÕES .....101  
LUAMY .....102  
NATALHY .....104  
CRISTIANE .....106  
ÉVELLYN .....108  
LUÍSA .....110  
EDUARDO .....113  
VITOR .....114

**CONSIDERAÇÕES .....115**

**LEGISLAÇÕES PERTINENTES .....127**

**ANEXO .....133**

**EXTRAS MANUSCRITOS.....155**

**FOTOS DO PROJETO.....164**

**REFERÊNCIAS .....171**

# PREFÁCIO

Quando fui convidado a prefaciar este livro, foi uma imensa alegria. Estar no Instituto é ser, ou tentar ser, melhor do que somos. Ser reconhecido pelo lindo trabalho que fazemos é importante, e ser convidado para prefaciar e organizar o primeiro livro, com certeza, de muitos que virão, é um enorme prazer.

Quando comecei a idealizar o Instituto em 2010, já permeava em mim muitas ideias distintas sobre fortalecimento comunitário, cultura e valorização da história e cultura dos terreiros e comunidade negra. Lembro-me bem que, em 2008, fiz uma festa religiosa na qual já tinha um chamamento para pessoas ajudarem em ações sociais, momento em que alguns riram e outros não; o fato é que a semente estava sendo plantada.

A ideia do Jornal Folha de São Pedro, que depois veio a se chamar A Folha da Umbanda, a ideia do que hoje é o maior festival de tambores e dança da cultura tradicional e terreiro no estado, enfim, tudo estava se formando em minha mente. Em 2010, após dois “sonhos” com uma entidade chamada Pai João, rabisquei o que seriam os projetos do Simpósio “Falando de Umbanda: História, Religião e Cultura” e o “Curimba Rio Grande” (na época Curimba Music). Em 2012, saía do papel o Núcleo Cultural Aruanda, organização com o intuito de ser uma associação de comunidades de terreiro para a defesa de seus direitos.

Após muitas pessoas entrarem e saírem do Núcleo e muitas ideias saírem do papel em 2015, com um vasto portfólio o NUCA passou a ser ICFA, Instituto Cultural Filhos de Aruanda. As crianças e os adolescentes sempre foram nosso foco, pois sempre acreditei que educação e cultura salvam vidas. Em 2016, criei a CIA de dança, teatro e Afoxé filhos de Orum. Em 2019,

procuramos o COMDICA e, em 2020, passamos a integrar o conselho e, aos poucos, passamos a fazer parte como instituição, o que só foi possível porque o Instituto tinha todos os documentos em ordem.

Em se tratando do projeto Coletâneas, tínhamos o objetivo claro de reunir textos de crianças e adolescentes para que esses compusessem um livro. A ideia parecia linda, maravilhosa, mas foi desafiadora, como diz a professora Cristiane. O hábito da leitura em nosso país ainda é elitizado, e precisamos falar sobre isso, trabalhar com isso, não esquecendo que existem outros fatores, como a falta de incentivo. Mas os hábitos da leitura e da escrita são muito importantes, pois estimulam a mente, a criatividade e ajudam a moldar o pensamento crítico. Foi um desafio, ainda mais se pensarmos que muitos dos nossos beneficiários poderiam nunca ter tido acesso à leitura ou uma boa influência para escrever.

O edital aberto pelo COMDICA tinha como base o decreto 6040, que trata sobre os povos e comunidades tradicionais, e as resoluções 181 e 214 do CONANDA, que versam sobre o cuidado e proteção de crianças e adolescentes de comunidades e povos tradicionais. Ao ver isso, percebemos que em Rio Grande existe essa riqueza cultural dos povos e comunidades tradicionais que poderiam participar do projeto: temos diversos terreiros, muitos pescadores, um quilombo e pessoas que vivem na beira das estradas vendendo frutas, legumes, entre outros. Tomei conhecimento do quilombo em Rio Grande em 2010, quando comecei a fazer parte do conselho municipal da comunidade negra CONDESCON. Na época, minha tia materna Neiza e sua colega Graça Amaral contavam a história desse quilombo.

Após isso, já na faculdade, aprendi mais sobre o quilombo e sobre as pessoas que lá viviam. No curso Técnico em Meio Ambiente, conheci a Charlene, líder e uma das representantes do quilombo. Em uma parte da minha vida, já tive que pescar e descascar camarões para o meu sustento e, sendo de terreiro, tinha algum conhecimento sobre o assunto.

O que não esperávamos era a dificuldade de achar jovens pescadores artesanais. Alguns que tivemos contato, por intolerância, não quiseram participar porque o nome do nosso Ponto de Cultura é Instituto Cultural Filhos de Aruanda, e segundo

um representante da colônia, muitas famílias de pescadores são evangélicas. Com essa negativa, o Instituto passou a procurar, na Barra, por famílias interessadas em inscreverem seus filhos no projeto. Na verdade, foi um grande desafio em todas as comunidades, sem falar nas intempéries relacionadas ao tempo em 2023 – as chuvas de setembro paralisaram o projeto por um mês –, e em 2024, os ventos fortes, as chuvas e as enchentes também pararam o projeto.

Mas, finalmente o livro está sendo lançado com uma riqueza de textos e com o olhar sincero de cada aluno que participou, informações que serão reconhecidas e respeitadas. Que essas heranças e essa ancestralidade sejam sempre preservadas através de livros, músicas, filmes e muita cultura. E que, efetivamente, possamos ter as leis 10639 e 11645 nas escolas. O Instituto, como Ponto de Cultura e Ponto de Memória reconhecidos e certificados nacionalmente, continuará a exaltar a cultura popular e tradicional existente em nosso município. E precisamos dar mais visibilidade às injustiças e à vulnerabilidade que passam os povos e comunidades tradicionais que aqui estão, principalmente das crianças e adolescentes, a exemplos dos indígenas que sofrem com medo de sofrerem bullying e as crianças quilombolas e de terreiro com a intolerância e o racismo religioso.

Os povos e as comunidades tradicionais, hoje, passam por diversos problemas e desafios, como o garimpo ilegal em outras regiões do país. Brigas com o setor agropecuário e a falta de políticas públicas efetivas que resguardem os seus direitos, a exemplo o marco temporal, a situação que ocorre no território Yanomami, entre outros. Em nosso município, esses povos também passam por diversas situações de vulnerabilidade, seja com a insegurança alimentar, seja pela intolerância, racismo e o racismo religioso vivido por essas comunidades. E essas crianças e adolescentes, que devem ser protegidas pelo Estado (união, estado e município) e pela sociedade em geral, acabam sofrendo igualmente essas chagas da sociedade.

É preciso que comecemos a trabalhar com mais ênfase para que as crianças e os adolescentes de hoje sejam adultos sem preconceitos, sem intolerância e para que tratem a todos com

empatia e respeito. Logo, esse projeto é um resgate do nosso olhar, do nosso sentir e do nosso expressar.

Falar de quilombo é resgatar e lembrar dos ancestrais, pois toda e qualquer cultura negra que ainda sobrevive é porque ainda existem quilombos. Após as senzalas, os quilombos são os lugares que guardaram e ainda guardam a nossa ancestralidade, assim como os terreiros, que formam a porta para a nossa ancestralidade e cultura ser disseminada para que outros possam vivenciar um pouco da nossa tradição. O nosso município viveu por muitos anos apenas da pesca e de indústrias pesqueiras, mas ainda há muitas famílias que pescam artesanalmente para seus sustentos. Já os indígenas são os legítimos donos da terra. Aqui, já estavam antes de qualquer um chegar, deveriam ser livres, deveriam ter terras, as que quisessem, pois é tudo deles. Essa diversidade é responsável por contribuir para a preservação do patrimônio cultural material e imaterial e construção de um país plural, diverso e democrático. Por mais projetos assim para que possamos ter uma sociedade equânime.

Esse desafio foi cansativo, mas esclarecedor, enriquecedor e muito envolvente. Tivemos dificuldade em captar alunos para o projeto, dificuldade em mantê-los no projeto, os deslocamentos, as intempéries, muitas dificuldades, mas a vontade de levar as suas escritas para o livro, mudando essa cultura de não leitura e de não escrita era maior. Esperamos que vocês gostem da leitura, apreciem as fotos, os desenhos e se inspirem, pois essa obra é um marco na luta pelo reconhecimento cultural dos povos tradicionais existentes em Rio Grande, na luta contra o racismo e na luta pelos direitos das crianças e dos adolescentes. Por isso, precisamos de mais e mais incentivos e recursos como os do FMDCA. Fiquem com sede de quero mais porque, logo, logo, estaremos lançando outro livro! Podem aguardar!

Axés fraternos, como sempre digo,  
“JuntosSomosMaisFortesSempre”.

CRISTIANO AVILA ACOSTA  
Fundador e Coordenador de Projetos do Instituto Cultural Filhos de Aruanda

# O PROJETO

O projeto “Coletânea: Minha História, Minha Tradição” do Instituto Cultural Filhos de Aruanda, ao ser escrito, teve como objetivo principal promover a valorização da identidade cultural e o resgate das tradições afro-brasileiras entre crianças e adolescentes. O ICFA, fundado em 2012 e rebatizado em 2015, é reconhecido como Ponto de Cultura e Ponto de Memória. Em 2016, comecei a fazer parte desse belíssimo Instituto que o Cris (Cristiano) já estava movimentando, desenvolvendo atividades culturais, educacionais, esportivas e de assistência social em alinhamento com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU e com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Esse projeto visava proporcionar às crianças e aos adolescentes a oportunidade de se reconectar com suas raízes culturais, entendendo a importância da herança de seus ancestrais em suas vidas, através do resgatar e valorizar povos e comunidades tradicionais. Também objetivava promover a autoestima e o orgulho da identidade cultural entre os participantes e fomentar o conhecimento e a preservação do patrimônio cultural imaterial, fortalecendo os laços com a ancestralidade de cada comunidade.

O projeto teve alguns percalços pelo caminho, como intempéries do tempo e a desistência de participantes, mas o foco era lançar o livro e fazer com que os alunos tivessem esse contato com a escrita e com a leitura.

O resultado pretende impactar positivamente a vida dos participantes, promovendo o desenvolvimento de uma identidade cultural forte e saudável e aumentar o conhecimento e o apreço dos participantes pelas culturas de suas comunidades, fortalecendo o senso de pertencimento.

O projeto está em plena conformidade com os ODS, especialmente nos seguintes pontos:

- **ODS 4 (Educação de Qualidade):** oferecendo atividades educacionais que promovem o conhecimento e a valorização cultural.
- **ODS 10 (Redução das Desigualdades):** abordando as desigualdades sociais através da valorização da identidade cultural e da promoção da inclusão.
- **ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis):** fomentando a preservação do patrimônio cultural e fortalecendo as comunidades.
- **ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes):** promovendo sociedades inclusivas e coesas através da educação cultural.

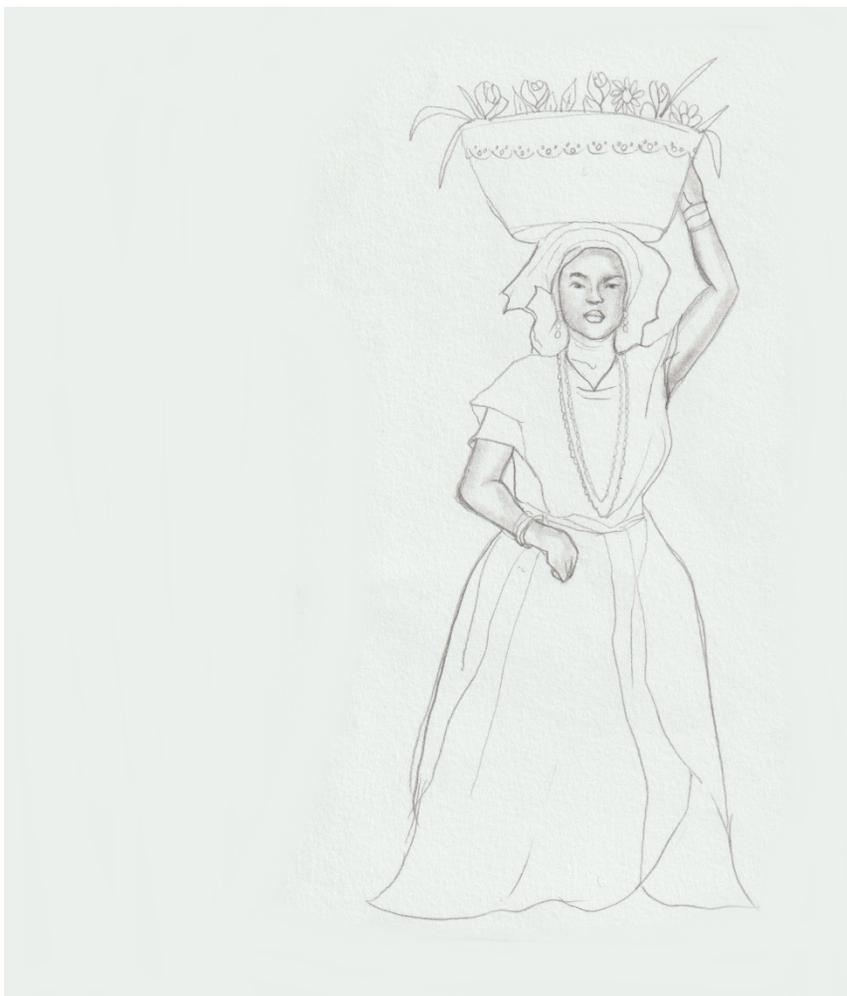
Além disso, o projeto respeita e promove os direitos estabelecidos no ECA, garantindo um ambiente seguro e acolhedor para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes.

Por fim, é um projeto essencial para a promoção da cultura e da identidade das comunidades e povos tradicionais envolvidos, proporcionando às crianças e aos adolescentes de comunidades vulneráveis a oportunidade de se reconectar com suas raízes e fortalecer sua autoestima e senso de pertencimento. Através de uma abordagem integrada e participativa, o ICFA continua a desempenhar um papel vital na construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e respeitosa das diversidades culturais.

MARIA LUCIA BEZERRA

# **POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DE TERREIRO**

**POVO ANCESTRAL, UM OLHAR ATUAL**



## **Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro:**

Os povos de terreiro são povos tradicionais que têm a sua ancestralidade, suas práticas, religiosidades, idiomas e seus modos de vida associados à diáspora africana em todo o Brasil.

# UMBANDA É MEU LAR

Sou Filha de Umbanda  
Meu lar é lá.  
Criada e Crescida  
em um só lugar.  
Amo girar e dançar.  
“Pontos”, somente isso quero cantar.  
Como não amar?  
Como não chamar de lar?  
Se é somente isso  
que quero Amar.

**Ane Vitória**

# JHULIÊ

“A cada batida de tambor, pode haver um louvor, mas em Yorubá e não em latim. Aqui, batemos cabeça e não em portas, aqui, não empurramos nossa religião, mas ficamos agradecidos a cada um que vem no terreiro saudar a religião” **Jhuliê Duarte Avila**

Meu nome é Jhuliê, tenho 14 anos e frequento o terreiro desde os meus 5 anos, fui batizada num terreiro. Hoje em dia, participo do terreiro de Umbanda **C.E.U Fé em Oxalá, Xangô e Oxum** e minha corrente tem sete pessoas atualmente. Desde que eu frequento, sempre gostei de ir, amava as festas, os pontos e a energia das entidades. Sinto-me bem dentro do terreiro, acolhida e muito protegida. Depois de um tempo na corrente, comecei a desenvolver na linha de Caboclo e Exu, já fui em um ritual na mata e em um amaci.

No meu terreiro, quando entramos, saudamos Exu e Pombagira, depois, saudamos Exu do Ouro e Pombagira do Ouro e, depois, batemos cabeça no congá. No início da gira, fazemos uma abertura, defumação e depois saudamos Exu e as 7 linhas da Umbanda; logo após, começamos a gira mesmo. A melhor coisa que aconteceu comigo no terreiro foi ver a entidade Maria Navalha e ver um casamento cigano na Umbanda. E a coisa mais ruim foi ter levado um tapa de um colega que estava girando, foi sem querer, mas foi chato.

“Ódio não é a solução, violência também não, mas eles atiram em nós, sem nos ouvir, não nos deixam nem dormir, mas estamos aqui. Porque podemos não ter nada material, mas temos espiritual, quando se tem alguém que vem de lá, nada pode nos abalar”. **Jhuliê Duarte Avila**

Lembro-me de que fomos fazer um gira na mata, essa imagem sempre me vem à mente, essa vivência que eu tive na mata.

Minha terreira foi fazer um trabalho nas matas, então, pedimos um lugar emprestado e fomos de van, acho que foram 2 ou 3 horas de viagem. Chegamos lá, o lugar era calmo e bonito, tinha até uma trilha para uma pequena cachoeira, a gente arrumou as cosias e, antes de começar, fomos na cachoeira. A água era bem geladinha. Eu gosto dos terreiros por nos causarem essas sensações.

Meu terreiro, que meu pai dirige, é acolhedor, mas tem que estudar para saber as coisas. A gente sofre racismo sendo pessoas negras e, sendo de terreiro, sofremos com a intolerância, então, precisamos saber o que fazemos e como fazemos. Por isso, tem aula de teologia e desenvolvimento com meu pai.

Vejo no *Instagram* que tem muitos terreiros pelo Brasil, uns fazem coisas boas, e outros me parece que fazem muitas coisas erradas, diferentes, mas temos que respeitar a todos. Eu já tentei visitar uma igreja e não deu certo, mas respeito, só não gosto que eles impõem as coisas para as pessoas.

Nossa religião de terreiro tem muita coisa linda, vem dos escravizados, dos indígenas, traz uma energia maravilhosa, não tem preconceito com gay, com gordo, com pobre, com negro. Eu amo a Umbanda. Os terreiros como o nosso ainda fazem muitas coisas para ajudar as pessoas e as crianças com doações e projetos.

**Jhuliê Duarte Avila Acosta**, 14 anos, mulher negra, pertencente à comunidade tradicional de Terreiro, Centro de Estudos de Umbanda Fé em Oxalá, Xangô e Oxum.



# JÚLIA

Meu nome é Julia Lopes da Silva, tenho 12 anos e frequento o terreiro com minha família há, aproximadamente, 3 anos, mas faço parte da corrente há um ano. Meu terreiro é antigo, existe há 71 anos e tem 20 pessoas de 8 a 80 anos.

Para mim, ser uma pessoa parda em um terreiro de Umbanda faz parte de um resgate da minha ancestralidade por vir de família de miscigenação negra e indígena. E do que mais gosto no terreiro são dos pontos, das rezas, de tocar agê e da concentração espiritual. A minha família sempre foi adepta dos cultos da Umbanda, mas só após conhecer a casa Maria do Golfo do Mar foi que realmente levaram a religião com mais seriedade. Ainda não sou iniciada e o único ritual que fiz, por enquanto, foi o batismo.



Dentro do terreiro, me sinto acolhida, me sinto bem quando estou girando. Meu terreiro fica localizado na Rua Soldado Bombeiro Antônio Silveira Azevedo, mais conhecida como Rua 15, no Bairro Getúlio Vargas, e os dias de gira e de rituais são aos sábados.

Posso dizer que a melhor coisa que já aconteceu no terreiro comigo foi no dia que teve homenagem à Mãe Iemanjá na praia, pois pude participar já na corrente e sentir a energia da gira no meio da natureza. Foi mágico! E ainda bem que nunca me aconteceu nada na terreira da qual eu não gostasse, pois é um lugar que me sinto segura e acolhida.

Eu vejo o preconceito que existe contra os terreiros, algo horrível, pois todos têm que respeitar a fé dos outros e as crenças, ainda mais os de terreiro, pois descende da África, dos nossos ancestrais e dos nossos ancestrais daqui, os indígenas, os povos tradicionais.

Até o momento da escrita desse texto eu não sabia o que eram os povos tradicionais, mas após uma breve pesquisa na internet, descobri que povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Meu terreiro faz algumas festas tradicionais, mas a mais esperada por mim é a festa dos Cosmes por conta dos doces. Por enquanto, meu terreiro ainda não faz ações sociais, mas a dirigente do terreiro já expressou sua vontade de fazer alguma ação para a comunidade. Apesar de eu não ser moradora do bairro onde fica localizado meu terreiro, acredito que o terreiro tenha um bom relacionamento com a comunidade em volta, tendo em vista que a grande maioria dos filhos e frequentadores da casa é da comunidade.

Nesse tempo de terreiro, eu passei a conhecer alguns banhos de ervas e gosto muito de defumar a casa com os mais variados tipos de defumações e incensos para manter a boa energia do ambiente. Eu não sei dizer qual a importância dos terreiros para a comunidade, mas, para mim, a importância é me sentir

acolhida e inserida em uma cultura e religião, acredito que seja a mesma coisa para todos.

Eu adoraria falar para as pessoas que não são de terreiro e que não conhecem, que respeitem a religião do próximo e que não demonizem os terreiros, pois como já diz o hino da Umbanda “a Umbanda é paz e amor, é um mundo cheio de luz...” Respeite o próximo.

**Julia Lopes da Silva**, 12 anos, parda, pertencente ao C.E.U Maria do Golfo do Mar.



# ODOYÁ

Era uma vez uma vida no mar  
Uma arraia a cantar  
Sereias a nadar  
Um gato na praia a miar  
Um pássaro a voar sobre o mar  
E assim festejar  
O sol brilhando no ar  
E refletindo no mar  
À noite, um lindo luar  
E dentro do mar,  
Uma sereia a dançar  
E no seu próprio sonho,  
Uma lua a brilhar  
Salve minha mãe Iemanjá  
Odojá

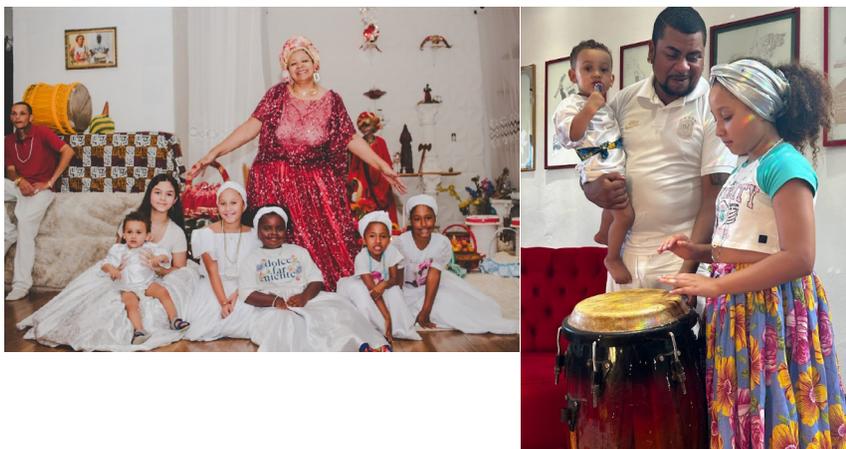
**Ana Luiza Bandeira de Iemanjá**

# ANA LUIZA

Meu nome é Ana Luiza Bandeira, eu tenho 9 anos e fiz aniversário dia 20/01/24. Frequento terreiro desde que eu nasci. Desde os meus 3 anos frequento o terreiro da Iya Flávia, o Ilê Axé Aloya Ifokaran de Mãe Flávia de Oya e Xangô Aganju. Sou filha da Flávia de Oyá e afilhada da Julyane de Iemanjá. Sou neta da Vó Donga de Oyá e chamo de Babá meu tio Valim e tio Vinicius.

No nosso Ilê, tem muitas mulheres, eu tenho muitas tias, que na verdade são minhas irmãs, mas como são mais velhas eu chamo de tias. Minha mãe Charlene é minha mãe e minha irmã, também gosto muito da tia Lili que é Iya de outro terreiro, mas é terreiro igual o nosso. Eu tenho um sobrinho lindo, o Andreas Vinicius, tem dois anos e sabe tocar tambor.

Minha mãe, antes de escolher, na verdade sentir onde ela ia ser iniciada, ia em um terreiro perto da nossa casa, muitas pessoas da nossa comunidade vão lá e em outro terreiro. Minha mãe sempre fala sobre o sentir e o ouvir os Orixás e, embora ela frequentasse há muito tempo outro terreiro, se iniciou nesse por sentir que sua Mãe Iansã também queria que fosse lá na nossa mãe Flávia.



No dia da minha iniciação, me senti muito feliz, porque eu estava entregando meu corpo e minha cabeça para os meus pais, para quem vai me cuidar para todo o sempre. Eu fiquei com frio e não conseguia ficar quietinha, mas foi muito bom. Eu sinto e falo sempre com minha Mãe lemanjá.

No meu terreiro, tem um coletivo, já fizemos uma apresentação em setembro de 2023 em frente ao Mercado Público do Rio Grande no evento Culturas Bantu, em que fomos apresentar o Coletivo Meninas de Oyá. Cada pessoa fez uma coisa: o tio Vinícius tocou tambor, a dinda Juliane tocou atabaque e cantou, a minha mãe Charlene era a apresentadora, a tia Jéssica e a minha amiga Niara fizeram o papel da Iansã, a tia Pâmela fez a Obá, a tia Jéssica Xavier fez a Nanã, a Jéssica de lemanjá fez a Oxum e eu fiz a minha Mãe lemanjá. A apresentação foi sobre as labás, mas achamos que seria interessante ter a Preta Velha e um pouco da Umbanda. Cantamos e dançamos para nossos Orixás e guias.

Meu terreiro é bem movimentado, tem muitas pessoas, os filhos da casa, as pessoas que se cuidam e as suas famílias, com idades entre 2 a 80 anos. No terreiro, conta também a idade da iniciação. Igual como é no quilombo onde quem é mais velho precisa ser respeitado, mas as crianças são muito bem cuidadas. Pra mim, ser uma pessoa negra e de terreiro é normal!!! Mas também é legal saber que cada pessoa tem seu ato de viver e esse é um pouquinho do nosso!!!



Eu gosto muito das comidas e dos pontos, eu gosto de ouvir e na segunda vez poder cantar porque aprendi!! Minha família se relaciona muito bem com o terreiro! Eu já sou iniciada no terreiro, fui iniciada em 2023. Eu sempre disse que era da lemanjá, dizia desde pequena porque quando eu era bem pequenininha sonhei bem assim: “eu estava viajando com meu pai de verdade, e ele me deixou com minha avó paterna (nós estávamos viajando de barco).

Quando estava com minha avó paterna, ela me levou pra ponta do barco e eu me desequilibrei. Ela não me segurou e eu caí no mar. Depois de um tempo, uma mulher sereia vestida de azul me pegou e, naquelas coisas de madeira que tem no mar, me entregou para minha mãe Charlene". Depois de um tempo, meu pai me levou para um aniversário e não avisou minha mãe, foi quando ela lembrou do sonho e me achou em uma cidade aqui perto, que precisava atravessar de barco. Minha mãe prometeu me levar em todas as festas de lemanjá.

Um dia, vi uma imagem grande de duas santas, uma era lemanjá, só que ela era uma imagem branca ao invés de preta. E, do lado dela, tinha uma imagem preta com um manto azul que era Nossa Senhora Aparecida, mas eu não sabia o nome delas, mas sabia que era aquela mulher que tinha me entregado para minha mãe. E, desde então, eu soube que eu era de lemanjá. Ano passado, eu confirmei que de verdade eu era filha de lemanjá na cabeça e Oxalá no corpo, com passagem da Oxum. Sinto-me alegre e livre no terreiro.

Meu terreiro fica no Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande, nos Carreiros. É um terreiro antigo, então, seguimos as datas comandadas pelos Orixás e pelos guias e também seguimos datas especiais como, por exemplo, 29 de janeiro, dia da lansã. Nesse dia sempre fazemos o batuque!

Eu vejo o preconceito contra os terreiros como algo horrível porque, só porque nós incorporamos, eles acham que é do demônio ou do diabo, mas nós de terreiro não acreditamos nem em demônio e muito menos em diabo!!! Eu sei muito sobre povos tradicionais e o que eu não sei, gosto de aprender!!

O meu terreiro faz bastantes festas e comemorações como nos dias de Orixás, aniversários etc. Meu terreiro faz bastantes ações sociais. Lembro que na pandemia não podíamos sair de casa, mas os adultos juntaram alimentos e junto com os alimentos do meu quilombo foram levar para uns amigos senegaleses. Eu chamo alguns de tio, como o tio Babá. Agora, quando choveu muito, nossa Iyá fez comida junto a outros pais de santos para as pessoas que estavam no abrigo. O meu terreiro se relaciona muito bem com a comunidade da volta do bairro.

Se eu pudesse falar para pessoas que não são de terreiro, falaria para elas conhecerem e entenderem o que de fato são

os terreiros. Eu acho muito legal fazer poesias e eu tenho uma muito linda sobre os Orixás, é esta aqui:

## Axé

Eu tenho a espada para me defender ✂  
Eu tenho as chaves para abrir meus caminhos e os laços para me esconder ➡  
Eu tenho os ventos para me guiar 🌀  
A balança para me equilibrar ⚖️  
O mar para me mostrar o melhor que há 🌊  
Os rios para me adoçar 🌊  
O barro para fazer eu ver ao meu redor o que acontece lá 🏠  
As palhas para fazer eu acreditar 🌾  
As folhas para eu melhorar 🍃  
As flechas para eu atirar e acertar 🏹  
O arco-íris para rastejar e me encontrar 🌈  
E as nuvens para me ajudar quando eu precisar ☁️



## EMILLY

Meu nome é Emilly Garcia, tenho 10 anos, faço parte de um terreiro que tem 15 pessoas de diversas idades. É muito legal. Eu adoro as giras de Pombagira, de Erê e de Malandros, me sinto muito feliz, minha família são muito amigos, todos de terreiros. Na terreira que visito, tem pessoas calmas e alguns bagunceiros, hahaha.

Eu ainda não fui iniciada em nenhum ritual específico da Umbanda no terreiro que faço parte, mesmo assim me sinto muito feliz, contente e protegida.

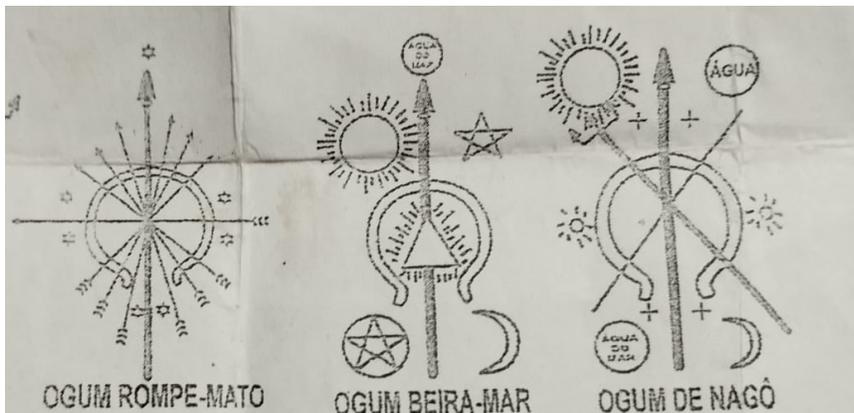


Eu adoro a linha dos malandros e uma das coisas mais felizes que me ocorreu foi ver o Seu Zé Pilintra no terreiro, pois adoro ele. Gosto muito da linha dos Cosmes, mas não gosto de levar “tortada” quando tem bolos.

Infelizmente, tem gente que não sabe o que acontece em todos os terreiros, pode ter coisas ruins, mas não em todos. Os terreiros são povos tradicionais que seguem uma cultura que não muda. As festas são muito bonitas e sempre me lembro mais das festas de Pombagira, Erê, Malandragem, Exu, Caboclo e Orixás. Também lembro que, às vezes, meu terreiro faz doações, pois ele é muito conhecido no bairro. Os terreiros são muito importantes, pois sempre ajudam as pessoas e a mim também.

Eu já aprendi uma receita no terreiro, mas só me lembro que tem cachaça, farinha de milho, ovos e batata, também sabia um chá, mas não me lembro. A gente encontra muita coisa no terreiro, como o sagrado, a ajuda às pessoas, coisas divinas, quem não conhece os terreiros deveria conhecer para verem como é bom.

Vou mostrar um ponto riscado que acho lindo.



**Emily Garcia**, atualmente, faz parte das comunidades de terreiro apenas visitando.



# CAUÃ

Olá! Meu nome é Cauã, tenho 13 anos e vou falar sobre a minha convivência com o terreiro, o qual frequento desde pequeno. Minha mãe é mãe de santo e tem mais ou menos 22 filhos de santo. Tem 27 anos de religião e é pronta (pronta ou pronto é quando a pessoa já fez todos os rituais e já é desenvolvida).

Eu ainda não fiz nenhum ritual, mas um dia eu pretendo fazer. Na casa da minha mãe não são todas as pessoas que incorporam. Eu já incorporei uma vez, foi por pouco tempo, foi com meu Exu Tiriri Lanã, que tem uma energia pesada (forte), mas ao mesmo tempo boa e limpa.

Uma das coisas que mais gosto é das festas de Cosme que têm diversos doces, balas, pirulitos, chocolates, algodão doce, entre outros. Também temos as festas de Exu, nas quais temos farofa, ovos, linguiça frita, entre outras comidas.

Outra coisa que eu gosto bastante é de conversar com as entidades, gosto de ouvir os conselhos que elas falam, vários conselhos que já me disseram me ajudaram a melhorar meu modo de vida, minhas amizades, escolhas e minhas atitudes. Além disso, as entidades são muito legais, têm seus sotaques e gírias e os conselhos são pura verdade.

Eu já tive várias experiências boas com a religião. A mais marcante foi a primeira vez que um espírito se aproximou de mim e eu comecei a chorar e sentir calor, meus braços tremiam. Minha mãe me levou na frente do quarto de santo, me passou uma vela e depois abriu a Aruanda (tronqueira ou casa dos Exus), me deitou e eu comecei a me contorcer e gritar e minha mãe dizia "... respeita a matéria, ela é teu instrumento de trabalho, não um saco de pancadas...". Fiquei assim por uns 15 minutos, mas depois minha mãe me "quebrou" e despachou ele. Após isso, fiquei melhor, um pouco tonto, mas passou.

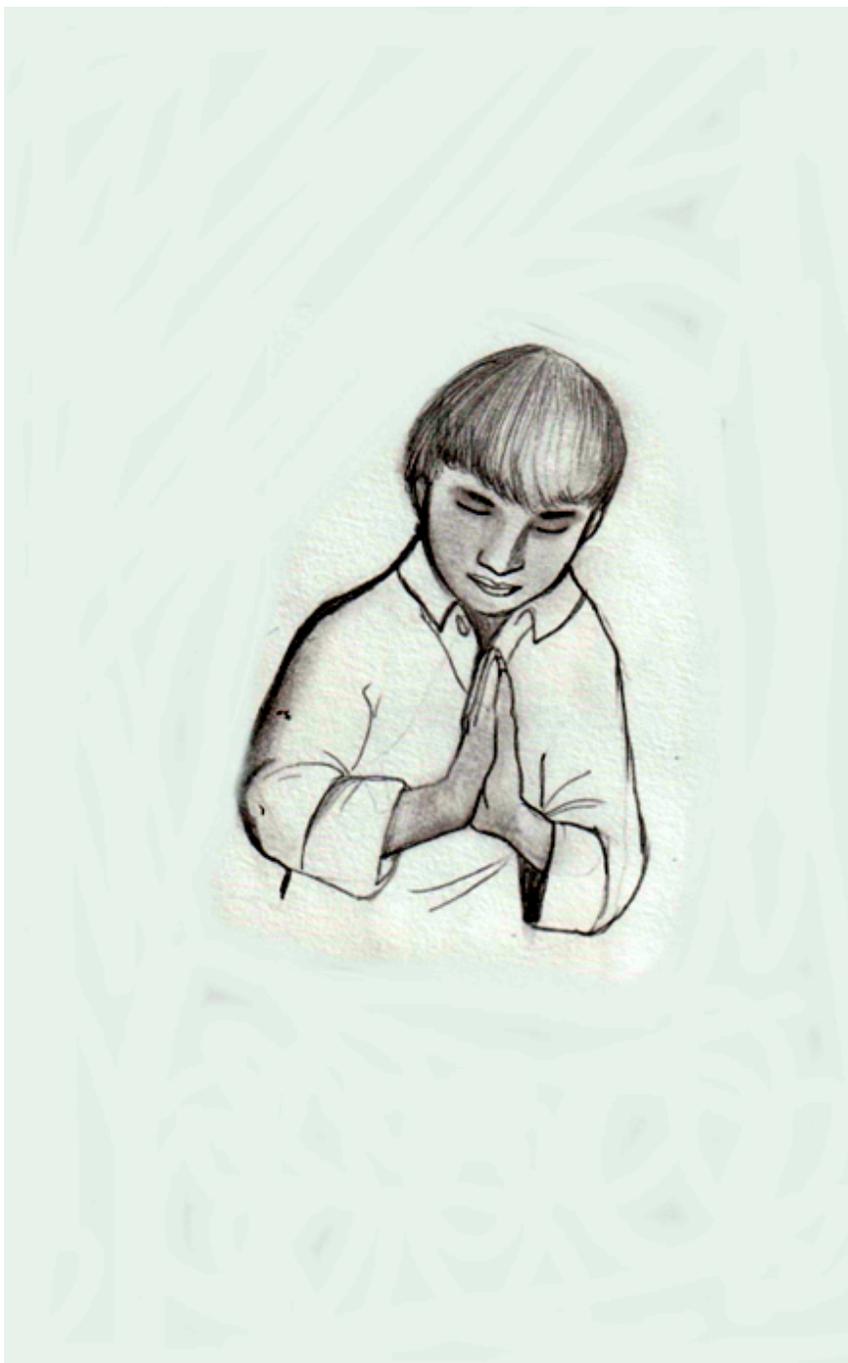
No terreiro onde eu vivo tem um portão, a porta da frente e tipo um corredor. Logo adiante, está a porta de entrada através da qual você verá o quarto de santo e a sala. Andando mais um pouco, chegamos nos fundos e vemos a Aruanda.

Um quarto de santo é onde nós colocamos as nossas imagens e nossos santos, enfeites, serviços e obrigações. Aruanda é como chamamos a casa onde colocamos nossos Exus e os instrumentos.

Só tive momentos bons, nunca tive problemas em ouvir verdades, até porque a religião não é uma coisa que quer o teu mal. A minha religião é uma religião acolhedora onde todos são bem-vindos.

Você não sabe onde eu moro  
Você não vê o que eu vi  
Lá no meio do Cruzeiro  
Eu sou Exu Tiriri!  
Uma garrafa de marafo  
Uma vela eu vi  
Um galo preto com farofa  
Eu ofereço ao Tiriri  
Tiriri é belo, é belo, é belo Exu! (Ponto Exu Tiriri - Domínio Público)

**Cauã Del Mestre**



# GABRYELE

Me chamo Gabryele França, tenho 12 anos e já fui evangélica, então, pensei que a terreira era de demônios ou que não era do bem, mas, agora, já sei que a terreira está cheia de fé e respeito. Eu fui algumas vezes na terreira com minha mãe, ela também participa, ela é médium. É bem legal ver que, quando os médiuns incorporam, estão emprestando o corpo para espíritos, isso para mim é tão fantástico, “tipo”, eles se tornam outra pessoa quando incorporam, a única coisa que sobra da pessoa é a aparência. Quando tudo termina, eles cantam músicas.

Se as pessoas pararem para pensar, a Umbanda não tem coisas q afetam a vida das pessoas, “tipo”, não é porque uma pessoa está na Umbanda que ela vai ter que forçar outras a participarem também. Mas, claro, pensar que a Umbanda é ruim não foi uma coisa que venceu por conta própria, foi porque era isso que eu sempre ouvi desde pequeninha. A única coisa que é errada é você sempre pensar isso sem ver com seus próprios olhos, sem ter a própria opinião.

Uma coisa boa que aconteceu foi que a fundadora da terreira que minha mãe vai emprestou a casa dela para que crianças de um lar adotivo (Instituição de Acolhimento) ficassem lá nas enchentes. Eu ajudei um pouco a cuidar de algumas crianças. Sabe, foi tão legal! Os outros médiuns também ajudaram, então, não é porque uma pessoa frequenta a Umbanda que ela é ruim. A Umbanda é super legal! Também não é porque uma pessoa está na igreja que ela é boa ou cumpre os mandamentos; as religiões são boas, as pessoas que não aceitam ou gostam de outras. Eu já morei em outra cidade. Lá, nunca fui em terreira, era evangélica.

Eu adorei participar do projeto, embora não goste muito de escrever e nem de pensar no que escrever. Mas falar da minha

nova religião, “tipo”, é legal, ainda estou conhecendo sabe, estou me conectando com tudo. Mas pra mim, uma menina negra, é superimportante conhecer os terreiros.

Eu tive a oportunidade de conhecer outras crianças que têm cultura diferente, como os quilombolas. Nunca tive a oportunidade de ir em um local assim, os pescadores, por exemplo, eu acho que o que sei sobre os pescadores é que nem todos tinham boas condições financeiras, então, faziam tudo o que estava ao seu alcance para conseguir dinheiro. Famílias que não eram ricas tinham que “ralar” muito para conseguirem viver, e nem todos tiveram a oportunidade de estudar, nem de ler, essas coisas. Hoje em dia, se uma criança não estuda, tem o Conselho Tutelar, mas antigamente não era tão justo; eu não estou falando que, hoje em dia, todos têm essas oportunidades, mas é melhor hoje em dia.

Pessoas que já trabalharam de pescadores antigamente mostram isso, e é verdade. O mundo não é honesto e nem justo para todos, as pessoas são divididas por classes sociais. Quilombolas, pescadores e os índios ficam sempre nos pobres. Será que está certo isso? Dentro dessa ideia, claro que todos nós não deveríamos ter as mesmas coisas, os mesmos direitos. Quem é pobre tinha que “ralar”, quem é pobre e negro tinha que “ralar” duas vezes mais, quem é mulher e pobre tinha que “ralar” três vezes mais e quem é mulher, pobre e negra, quatro vezes mais, mas por quê? Mas por quê? Por isso que os terreiros são bons, pois têm muitas mulheres e as mulheres são chefes. No terreiro que minha mãe vai, tem muitas mulheres e a chefe é mulher. As mulheres nos terreiros são muito importantes, pois têm muitos Orixás mulheres, muitas mães de santo e a maioria dos médiuns são mulheres, a maioria lá onde minha mãe vai.

**Gabriele França**, 12 anos - C.E.U Santa Sara Kali



# ARTHUR

Meu nome é Arthur Parada, tenho 10 anos e frequento o terreiro às vezes, mas gosto. O terreiro é legal e tem pessoas de várias idades. Acho que é algo desafiador nos dias de hoje, eu gosto muito dos doces do terreiro. As roupas são brancas, o branco significa a paz eu acho.

Na minha primeira vez num terreiro religioso, eu achei estranho, porque não estava acostumado num lugar de religião e, aí, fiquei envergonhado. Sentei numa cadeira e fiquei só. Teve uma hora que fiquei assustado, pois minha mãe ficava com o cabelo na cara, eu nunca a vi daquele jeito, mas agora estou acostumado a ir em terreiro. Meus pais se relacionam muito bem com o terreiro. Lá no meu terreiro, tem muitas pessoas legais e de várias idades. Nunca fiz nenhum ritual no terreiro, mas me sinto muito bem.

Uma coisa marcante para mim no espaço religioso foi o dia em que eu realmente vi que não era apenas minha mãe, que era um dia que eu via minha mãe com o cabelo despenteado. Ela ficava falando umas coisas estranhas que eu não entendo, foi aí que eu fiquei mexendo no meu celular. Fui em outros dias de festa em outros lugares religiosos de terreiro, onde eu ficava pegando doces, tinha “merengão”, mas eu não gostava porque era muito doce e ficava enjoativo. Tem uma coisa que gosto nos lugares religiosos, é que é aberto e aí eu fico correndo, brincando. Tinha um terreiro que eu amava ir, tinha crianças bem legais e, perto desse lugar religioso, fica a praça da 17, que é minha praça favorita.

Uma das melhores coisas que me aconteceu foi levar muitos doces para casa; e a pior eu acho que foi sentir medo das entidades. Eu acho o preconceito muito ruim nos dias de hoje, ainda mais que os terreiros são povos tradicionais. Os povos

tradicionais são povos que seguem sempre a mesma tradição. No meu terreiro, fazem ações sociais, eles fazem o bem ajudando a todos. O terreiro é um lugar para as pessoas se sentirem bem. Se pudesse falar para quem não conhece, recomendaria você ir porque é bom e faz você se sentir bem.

Ele bradou na aldeia  
Bradou na cachoeira em noite de luar  
No alto da pedreira  
Vem fazer justiça, pra me ajudar  
Ele bradou na aldeia  
Bradou na cachoeira em noite de luar  
No alto da pedreira  
Vem fazer justiça, pra me ajudar  
Ele bradou na aldeia, Kão kão  
E aqui vai bradar, Kão kão  
Ele é Xangô da pedreira  
Ele nasceu na cachoeira  
Lá no juremar (Ponto de Xangô Tião Casemiro)

**Arthur Parada**

# MATHEUS

Me chamo Matheus Lemos e tenho 16 anos, frequento o mesmo terreiro desde os meus 6 anos de idade. Desde que pisei pela primeira vez no terreiro, percebi que ele não passou por grandes alterações, nem em sua estrutura, nem nos dias de gira, que continuam sendo quarta e quinta-feira à noite, com exceção dos dias de festas nos quais as mesmas continuam a ocorrer em suas respectivas datas comemorativas. O local é amplo, com quadros, pinturas e imagens de Santos, Caboclos e Orixás pelas paredes de toda a extensão do lugar, tomando fim ao chegar na porta do congá, que fica ao lado do espaço reservado para os tambores.

Muitas pessoas, tanto do bairro quanto de outras regiões da cidade, participam ativamente do terreiro, que hoje conta com mais de 40 pessoas de todas as idades, incluindo médiuns e espectadores, onde em média são adultos e a partir dos 20 anos de idade.

Conheci a religião através de minha mãe e minhas tias que também a seguem desde jovens. Hoje em dia, todas têm responsabilidades e deveres com a religião, assim como muitos outros membros da minha família que frequentam o mesmo terreiro regularmente. Apesar da experiência de alguns, nenhum de meus familiares tem seu próprio terreiro em casa.

Para mim, participar de um terreiro é estar exposto a sentimentos gratificantes e energias positivas que transmitem emoção, paz e acolhimento não só para mim, mas para todos aqueles que estão presentes no mesmo ambiente que eu. Além disso, estar no terreiro é uma oportunidade de praticar a caridade e evoluir espiritualmente junto aos outros.

Sempre tive boas experiências e lembranças sensacionais dentro do terreiro, não me recordo de um único momento

em que houve algo que tenha me causado desgosto ou arrependimento. Tanto que hoje posso dizer que uma das experiências mais marcantes de minha vida ocorreu lá, que foi quando participei pela primeira vez de uma roda de batuque, onde pude presenciar e aprender de perto como é estar no meio de uma corrente.

Meu terreiro não se resume apenas a atividades, não só o meu, mas muitos outros também movimentam e organizam ações sociais significativas, como doações de presentes e alimentos no Natal, brinquedos e roupas no Dia das Crianças e distribuição de alimentos não perecíveis ao longo do ano, sempre que possível, beneficiando os bairros e seus arredores.

Recentemente, estudando um pouco sobre as origens da religião, aprendi sobre os povos e comunidades tradicionais são grupos de pessoas que têm uma cultura diferente da maioria da sociedade e que se organizam de um jeito próprio. Eles vivem em lugares que consideram importantes, pois assim podem manter suas tradições, suas crenças, seus costumes e seus modos de viver. Também possuem muito conhecimento sobre a natureza e usam a mesma de forma inteligente e sustentável.

Pelo bairro, os vizinhos são familiarizados com as pessoas do terreiro, sendo parte deles seguidores da mesma crença ou apenas pessoas que demonstram respeito pela religião. Com as ações sociais, muitos dos vizinhos também acabam contribuindo com o terreiro no bairro, fazendo com que as doações tenham um maior alcance.

Estou na Umbanda há bastante tempo, não é fácil ignorar o preconceito e a intolerância religiosa que frequentemente afetam a religião. Eu vejo como principais responsáveis as pessoas ignorantes que aparentam não possuir a capacidade de compreender se algo é certo ou não, ou até mesmo de colocar-se no lugar do outro, é triste ver que muitas vezes a desinformação pode levar a atos de violência e de vandalismo contra casas de Umbanda e contra as que as frequentam. É fundamental que todos respeitem as crenças do próximo e compreendam a diversidade religiosa independente de suas próprias crenças e opiniões.

**Matheus Lemos, Seguidores de Oxóssi**

“Nasci do raio, fui criada pelos ventos, sou abençoada pela  
tempestade.  
Sou filha de Iansã!” (frase popular)

# ÌYÁ

Hoje, sou Ìyá Flávia Oya, mas quando menina, descobri que antes de vir ao Àiyé, Oya me escolheu. Mesmo antes de pisar meus pés neste chão, de receber o sopro da vida, ela já tinha me escolhido! Ela já dizia que eu a pertencia, ou seja, já era de Oya o meu orí. Nasci Flávia Andréa Padilha Lúcio, filha biológica de Iolanda Padilha Lucio - Gringa Omorixá de Ogum - e de Luiz Carlos Goulart da Trindade - Omorixá de Xangô Sobó. Renasci na tradição do Batuque, na cidade do Rio Grande, RS, no dia 10 de Maio de 1987. Aos treze anos de idade, fiz minha primeira iniciação, como Flávia de Oyá Dirã pelas mãos de minha avó paterna e Ìyálórìṣàṣ Donga de Oyá Dé da bacia do Bàbálórìṣà Zé da Saia. Eu fui criada no terreiro de Nação jeje nagô e Umbanda da minha avó e, desde pequena, fui apresentada à fé e ao respeito às entidades. Fui iniciada e ensinada dentro dos rituais de Nação e de Umbanda, assistindo a Cabocla Jurema das Matas Virgens e a Jurema da Sete Encruzilhadas, seu preto velho Tio Agostinho e Africano Rajado (entidades com as quais minha avó trabalhava).

Ao mesmo tempo, também cresci com o caboclo Junco Verde de meu avô, Luiz Xavier. Me tornei Ìyálórìṣà do Ilé Aṣé Aloyá Ìfokànrán em 29 de janeiro de 1996. Nunca soube o que era ser criança fora do terreiro, pois o terreiro e a casa da minha avó não eram separados, tudo era uma coisa só, não existia a ideia de sair de casa para realizar algo no terreiro. Tudo o que fazíamos era prática de terreiro, isso me traz memórias preciosas e me faz ter muito orgulho da minha infância.

Meus filhos biológicos foram iniciados ainda pequenos, meu filho Darlan Vinicius Òmórìṣà de Ògún, com sete anos de idade, foi iniciado pela minha avó. E minha filha Juliane Òmórìṣà de Yemojá, com nove anos, foi iniciada pela iyá Bernalda de Yemojá e pela minha mãe biológica Gringa de Ògún, que deu

continuidade no asé dela. É de extrema importância saber de onde viemos e ao que pertencemos, se sentir honrado por aqueles e aquelas que te representam de fato. Meu filho toca tambor desde os três anos de idade ao lado de seu avô Luiz Carlos de Sobó. Hoje, ele toca por todo o Estado gaúcho em várias nações, isso se deu pela importância da representatividade. Minha filha, a segunda mãe pequena da casa, me ajuda lado a lado à frente do pèjí e nos afazeres em geral. Eu amo meus filhos, eles são minha preciosidade. Nessa caminhada como ìyalorisa, tenho ainda mais certeza do amor incondicional pelos filhos e filhas.

Eu também sou mãe da comunidade a qual me procura para “re-orí-entação”. Ao acolher todas e todos igualmente, cada filho e filha que recebe o chamado ancestral para a iniciação é gestado e, após, é renascido para o Òrisà. A sensação de iniciar um filho ou filha “de santo” não é diferente de “parir” filhos(as) biológicos, ou seja, o sentimento se torna o mesmo. A vivência no terreiro nos mostra o quanto o espiritual nos une, nossas vidas estão entrelaçadas muito antes dos nossos passos aqui no aiyé. A experiência, vivência como ìyálórishà nos torna mãe. Muitos se preocupam com a iniciação e deixam de se preocupar com o pertencimento, esse demanda tempo, quase uma vida inteira dentro do terreiro. Ser de “dentro” e alimentar o pertencimento de ser do asé, traz à criança e ao jovem a noção de pertencer a um legado ancestral das religiosidades e tradições africanas que herdamos. Esse pertencimento carrega elementos que são nutridos e repassados de geração em geração, como valores morais tradicionais que se constroem no terreiro, comportamentos e ações com base na coletividade, respeito aos mais velhos e mais velhas e com toda a comunidade e o que a constitui, como a terra e seus elementos.

Com aproximadamente dez anos, na terreira de Umbanda comecei a tocar tambor, na festa da Cabocla Jurema das Matas dei início ao elo, à circularidade que não poderia ser cortada, alguém precisava estar ali, então, por qual motivo não poderia ser eu?

Nas terreiras, eu aprendia e aperfeiçoava o toque no tambor, o ritmo do agê e aprendi a benzer. Enquanto filha de Oḡyá, recebo todas as pessoas com um sorriso no rosto e sempre

que a oportunidade se apresenta, aproveito para ensinar e educar crianças e jovens do terreiro sobre a nossa tradição, a nossa cultura e o respeito às diferenças, tal qual aprendi. Minha aposta é que os orís das crianças percebam as encruzilhadas de emoções e sentimentos de completude que podemos vivenciar no terreiro desde pequenas.

Projetos como este livro fortalecem nossas histórias e, por sua vez, as histórias fortalecem nossa cultura dentro dos nossos espaços e comunidades tradicionais de matrizes africanas. As minhas memórias de infância e juventude no terreiro, hoje, me encantam e me enchem de orgulho, me trazem forças para continuar meu propósito e nas lutas contra o racismo e a intolerância religiosa. As crianças e jovens do terreiro precisam do sentimento que a memória traz para entender o legado ancestral que carregamos dentro e que se reverbera fora, seja com nossos artefatos, axós, vestimentas e acessórios tradicionais, símbolos, nossos fios de conta, ou seja, tudo aquilo que nos compõe e constitui enquanto um povo tradicional de ašé.

**Ìyá Flávia de Oyá Dirá Yalorixá do Ilé Ašé Aloyá Ifokànrán**



**POVOS E  
COMUNIDADES  
TRADICIONAIS DE  
PESCADORES**



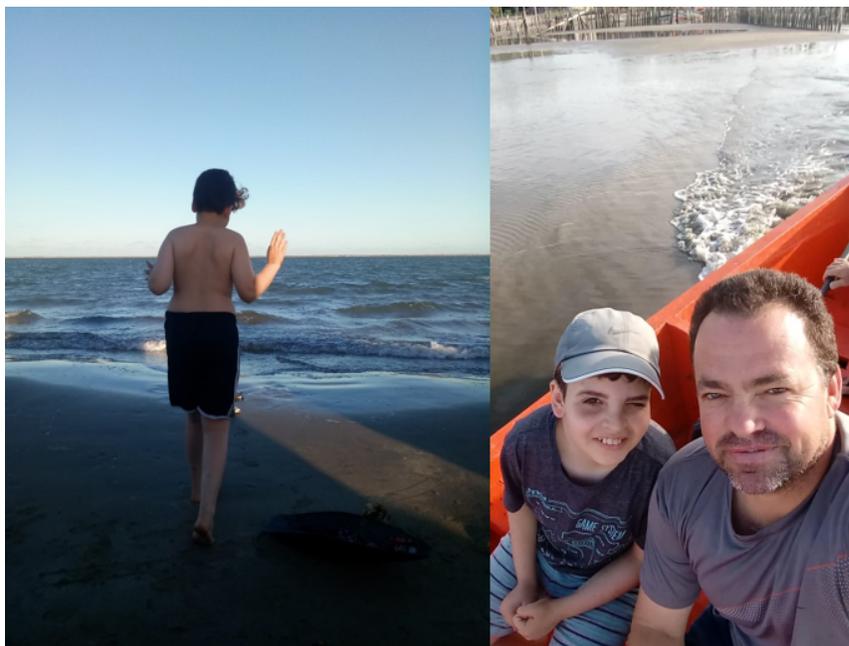
Os pescadores são uma população tradicional espalhada ao longo do litoral, pelos rios e lagos e têm um modo de vida baseado principalmente na pesca, ainda que exerça outras atividades econômicas complementares, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura, em geral de subsistência. (<https://www.ecobrasil.eco.br/>)

# MAGDIEL

Um dia meu avô me contou uma história: ele e o amigo estavam pescando e os dois jogaram as linhas, ao mesmo tempo o peixe fisgou as duas iscas, e eles acharam que cada um tinha pego um peixe, mas, quando puxaram a linha, viram que foi o mesmo peixe... “no final meu avô que ficou com o peixe”.

Meu nome é Magdiel, tenho 12 anos e minha família começou a pescar com meu avô há mais de 60 anos. Minha casa é simples, tem sala, 2 quartos e o quarto dos meus pais é improvisado, pois a casa não está pronta; tem um banheiro e um outro em construção. Lá, vivem 4 pessoas: eu tenho 12 anos, meu pai tem 42 anos e minha mãe tem 37 anos.

No meu bairro, as pessoas se ajudam, é um local pobre e esquecido pelas autoridades. Somos um pequeno bairro de pescadores artesanais da Lagoa dos Patos, pescamos com respeito e com cuidado. São pessoas trabalhadeiras de pouco estudo e sofridas, eu já estive em um barco e me senti muito feliz. Meu bairro fica a 100 metros da praia, eu gosto de peixe, de ir na beira da praia. As praias devem ser mais respeitadas.

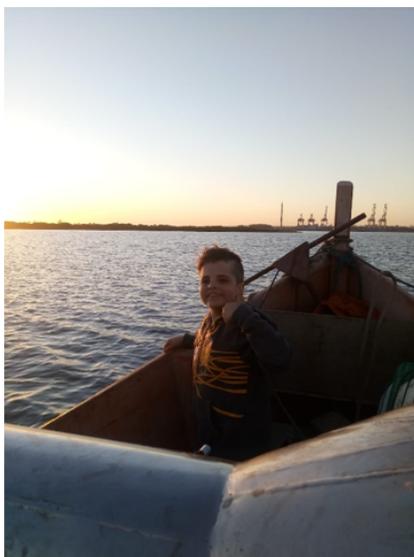


Nós, que somos povos tradicionais e devemos ser respeitados, somos pessoas que têm amor pelas suas tradições, costumes, etc. Muitas pessoas dependem da pesca para sobreviver, e o peixe é rico em vitaminas. A comunidade onde eu nasci é onde eu vivo e passo meus momentos de lazer. Passo na beira da praia brincando, olhando o mar, tomando o chimarão e soltando pipa, etc. Acho que todos deveriam conhecer e respeitar esse povo trabalhador e suas origens.

A pesca artesanal é um tipo de pesca caracterizada, principalmente, pela mão de obra familiar com embarcações pequenas, como canoas ou jangadas, ou ainda sem embarcações. Eu gosto de muqueca, que é feita com peixe cozido desfiado e preparado ao molho. Depois é acrescentada a farinha de mandioca e também a anchova cozida no feijão.

Os pescadores não podem mais pescar por causa das águas contaminadas (lá em Pelotas). Eu digo com pena dos pescadores: “o pior é quem perdeu tudo”! Se eu tivesse condições, eu ajudaria as pessoas. Os peixes não são os mesmos, não dá mais de comer os peixes, estão contaminados, as cidades que encheram muito

não vão mais ser as mesmas. Na minha casa, só teve água no pátio e no banheiro. Tive vontade de chorar por causa das pessoas que morreram, pelas pessoas que ficaram desabrigadas, as pessoas tristes por perderem suas coisas e perderem seus familiares, amigos, vizinhos, tios, tias, avós, primos, cachorros, gatos, gado, as plantações, comida, móveis, roupas, calçados, material escolar, casas, carros, muito triste. (18/6/2024 - parte do texto foi escrita após as enchentes.)





# EMANUELLY

Me chamo Emanuely da Silveira Cravo, tenho 12 anos e minha família trabalha com a pesca desde muitos anos. Meu avô paterno sempre foi pescador, assim como meu pai. Vivemos numa casa de madeira, eu, minha mãe e minha prima de seis anos. Meu pai também morava conosco, mas faleceu há pouco tempo.

Ser e viver em uma comunidade pesqueira é difícil, pois não é sempre que se consegue pescar e, quando não há peixe, fica difícil ganhar dinheiro para se manter. No momento, não pescamos, meu pai pescava com redes de saquinho, também chamadas de aviãozinho, como também é chamada a pesca que era feita próxima da casa que morávamos perto da Lagoa dos Patos.

Nossa relação com as águas se dá a partir do respeito com a sua preservação para não poluir as águas, pois é de lá que sai parte de nosso sustento e de muitas famílias. A comunidade pesqueira é bastante unida porque uns ajudam os outros com a manutenção dos materiais utilizados e para carregar os materiais, pois tudo requer muito trabalho.

Gostava muito de andar de barco com meus pais e adorei ver uma chalupa, um barco grande de um tio lá da cidade de São José do Norte. Gosto muito quando estou no mar, consigo ver os peixes brincarem, “correrem” na água, é um momento de descanso. Antes, nossa casa era perto da praia, agora, fica mais longe. Apesar de ser filha e neta de pescadores, não gosto de peixe.



Lembro com um pouco de saudades de quando íamos esperar meu pai no trapiche e lá esperávamos ele trazer o camarão e os peixes. Ajudávamos a separar o pescado, e eu ficava sentada no trapiche vendo as garças e os biguás virem comer aqueles peixinhos pequenos que só dava mesmo para os pássaros consumirem. Era muito bonito pela quantidade de pássaros que vinham se alimentar.

Mas é triste quando lembro da dificuldade que era pra poder vender os peixes e o camarão, pois tinha que passar por um atravessador, uma pessoa que comprava bem barato. Quem realmente trabalhava a noite toda acordado, cuidando para que não mexessem nas redes e tirassem o que estava lá, no final, recebia bem pouco e era difícil. Além de tudo isso, o pescador ou as pessoas que trabalham com a pesca e a limpeza do pescado sofrem bastante preconceito, visto que as pessoas ficam rindo e fazendo cara de nojo por causa do cheiro de peixe que é bem forte. Isso é triste, pois as pessoas, às vezes, não têm um lugar apropriado para tomar banho.

As pessoas que vivem e tiram seu sustento das águas, para mim, são povos tradicionais, pois esses são grupos de um território, que utilizam os recursos das águas, sendo que usam e ocupam recursos para favorecer suas culturas sociais e religiosas.

Não temos o hábito de fazer festas relacionadas à pescaria, somente quando a pesca é boa e se retira um pouco a mais para os pescadores ali de perto comerem juntos.



Lembro do meu avô que fazia uma tainha assada no espeto de taquara, não tinha muito mistério, somente o sal que servia de tempero, mas era muito bom. A pesca, hoje, já não é como antigamente, que havia muita fartura, gerava muitos empregos e impulsionava também a economia da cidade, tanto com uma alimentação de qualidade e barata, bem acessível para as pessoas, quanto para o comércio em geral.

Se eu pudesse, eu falaria, principalmente para os nossos governantes, que tivessem um olhar maior para as comunidades tradicionais e pesqueiras, que fizessem um maior investimento para os pescadores e que tivessem mais respeito pelos povos tradicionais, independentemente de suas crenças. Isso porque cada um tem seu modo de viver e de respeitar, principalmente, a natureza.



# SAMUEL

Meu nome é Samuel Rosa, tenho 12 anos e vou contar um pouco de como é ser filho de pescador. Meu pai já pescou vários tipos de peixe, por exemplo, tainha, garoupa, anxova, peixe rei, brotia entre outros. Ele também trabalha nas vagonetas, pesca bagre, tem alguns tipos de rede que ele pesca que são de linha grossa, outras de linha fina.

Um dia eu fui pescar com o meu pai para pegar garoupa para vender e comer, ele jogou a linha e, nem tinha colocado a linha na pedra, quando pegou uma garoupa. Outro dia eu e meu pai fomos pegar garoupa e meu pai já tinha pego 5. Algum tempo depois, pegou mais 3, ficamos até uma hora da manhã. A pesca artesanal é um tipo de pesca feita, principalmente, pela “mão braçal” familiar, com barcos e pequenas embarcações, por isso, os pescadores são povos tradicionais e culturais da mesma cultura e tradição.



Eu conto que certo dia normal eu vi, na noite, a água vindo na direção da rua 21. Primeiro começou a encher na 23, depois, começou a diminuir e, depois, no outro dia de tarde, a água começou a encher com força. Tivemos que levantar o freezer o mais rápido possível, junto com a geladeira e a máquina de lavar roupa. A água era suja, marrom, e no mesmo dia, à noite, ela subiu muito. Naquele dia, a água subiu muito. Por volta das 2 da manhã, ela começou a baixar. Por volta de 7 dias, ela não subiu e eu fiquei doente, com dor de garganta e dores de cabeça, mas melhorei. Em outra noite, a água subiu muito e muito pior do que aquele dia. Ficou subindo e baixando.

## **A pesca**

Era uma certa vez seu Antônio  
era um pescador  
Velho  
Mas adorava pescar  
Ele pescava garoupa, tainha  
Anchova, bagre, linguado  
Peixe rei, etc  
E ele vendia metade  
Dos seus peixes e a outra  
Metade ele guardava para comer geralmente ele sempre  
Pegava bagre, ele amava  
O bagre frito  
Uma  
Vez  
Ele  
Engatou sua linha  
E a corda pescou, fritou  
E ele estava  
Dormindo e seu Antônio  
Viu e que que é isso, meu Deus??  
Disse seu Antônio  
E ele puxou, puxou e saiu uma garoupa muito grande, mais de  
15 quilos a garoupa....

**Samuel Rosa**



**“Na água revolta, pesca o pescador”.**

## **JOSÉ ROBERTO**

Me chamo José Roberto, sou pai do Samuel, sou pescador desde menino, seguindo os passos do meu pai, que viveu da pesca que também é um meio de renda para a família. Já estou com 46 anos e desde 9 /10 anos que eu já pesco acompanhado do meu pai, dá gosto do que faço e estou adorando que meu filho está escrevendo sobre isso, contando um pouco da história de pai para filho. Tento passar um pouco do conhecimento do que eu sei sobre a pesca para outras pessoas que gostam de pescar. Viver da pesca é algo familiar também e muito gratificante.



**POVOS E  
COMUNIDADES  
TRADICIONAIS  
QUILOMBOLAS**



**“É preciso uma comunidade (aldeia)  
para se educar uma criança”**

# LAUREN

Meu nome é Lauren Cravo Crispa, sou filha de Sabrina da Silveira Cravo, tenho 9 anos e sou quilombola desde sempre, pois minha mãe é quilombola, minha vó é quilombola e minha bisavó era quilombola. Na minha casa moram eu, minha mãe e meu pai. Ser quilombola para mim é fazer parte de uma comunidade que tem sua própria história, representatividade, dando a nós oportunidades de podermos contar às pessoas um pouco do que somos e o que representamos.

Sim, eu gosto da minha comunidade, fazemos alguns eventos e é tudo muito bom, pois nos possibilita estar juntos não só entre nós, mas com o resto dos moradores do local. Nos relacionamos com muito respeito, respeitando a opinião de cada um, visto que as pessoas de nossa comunidade têm várias idades diferentes e, assim, nos respeitamos mutuamente. Tenho orgulho da minha comunidade. O nome é Quilombo Macanudos, localizado no extremo sul do Brasil, no interior da cidade do Rio Grande, RS, em uma localidade chamada Vila Quintinha.

Na nossa comunidade fazemos alguns eventos, poucos, mas o que eu mais gostei foi o da festa junina. Tivemos outros bem legais, como o do SESC 8ª MOSTRA SONORA BRASIL CULTURA BANTU AFRO-SONORIDADE TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEA. Foi bom porque tinham brinquedos infláveis para as crianças brincarem, mas a festinha junina, as pessoas da comunidade que fizeram juntas.



A pior coisa é quando a comunidade não se reúne todos juntos para fazer as coisas.

É muito triste o preconceito que ainda existe contra comunidades quilombolas, pois elas contribuem tanto trazendo um pouco das suas riquezas, tais como: cultura, artesanato e religião. Quilombolas são povos tradicionais que são grupos com culturas próprias, organizações sociais que usam e utilizam recursos para favorecer suas culturas.

Não conseguimos fazer muitas festas, pois nos faltam algumas coisas que nos dificultam para realizar o que a comunidade precisa e necessita. Conseguimos nos relacionar bem com a comunidade ao redor porque entre nós existe um diálogo e um grande respeito de ambas as partes.

Temos e mantemos o hábito de todo o ano, na Sexta-Feira Santa, colhermos a marcela, fazemos isso todo ano. As comunidades quilombolas são um povo de muita sabedoria, pois elas sabem respeitar e valorizar a natureza, tirando dela somente o necessário e preservando as matas, os rios... E isso, para nosso país, é de grande importância.

Os quilombolas são povos de muita luta e de muito respeito com os seus e com o local onde vivem. Que nossos governantes olhem para as nossas comunidades com mais respeito e respeitando toda a autonomia que nos é de direito. Que haja mais diálogo e que esse diálogo seja respeitado e não tão questionado sobre os direitos que as comunidades têm e que devem ser mantidos.



# EMANUELLY

Meu nome é Emanuely da Silveira Cravo, tenho 12 anos e sou filha de Claudia Mara Amaral da Silveira e de João Carlos Rodrigues. Sou macanuda por parte da minha mãe Claudia Mara e, um dia, perguntei para ela por que nos chamavam assim. Ela disse que os tios dela eram uns negros bem altos e grandes, andavam sempre de pés descalços, inverno e verão, e que em matéria de trabalho braçal, virar terra de enxada, eles faziam como ninguém. Disse ela, que naquele tempo, era a maior parte na enxada, e a mãe dela, minha vó, e as minhas tias enrestavam muito bem cebola, alho, essas coisas. Então, esse era o jeito como nos chamavam e nos chamam até hoje, de macanudos, pessoas que fazem bem o trabalho, pessoas honestas.

Hoje, moro com minha mãe, meu pai morreu faz pouco tempo, e também mora com a gente uma prima pequena de cinco anos. O pai dela morreu e a minha mãe e meu pai a pegaram pra criar, eles são tios e padrinhos dela e, como minha mãe sempre disse, as dindas da gente são nossas segundas mães.

Desde muito pequena, eu sempre fiz parte das reuniões da comunidade. Mesmo não entendendo de nada, ainda pequena, minha mãe me levava nas reuniões, e ser quilombola é uma mistura de luta por espaço de igualdade, direitos de respeito por um povo que durante séculos foi escravizado, massacrado.



Na minha comunidade, eu gosto das reuniões, que é quando se reúnem a grande maioria, e quando se encontram falam muito sobre tudo, principalmente quando as mulheres falam do tempo que moravam na Quitéria, das brincadeiras que elas faziam. Algumas ainda fazemos, como chicotinho queimado, ciranda cirandinha, pula boneco... acho engraçado como elas se divertem contando e algumas dessas brincadeiras ainda brincamos, de quando elas começam a lembrar das dificuldades da vida e a gente reclama da vida que temos.

O relacionamento da minha família com o restante da comunidade é de respeito e de escuta, pois acreditamos que em um grupo todos têm voz e a nossa comunidade é feita de escuta e respeito acima de tudo, pois a maioria já são pessoas mais velhas. As pessoas da minha comunidade têm idades e uma mistura de cores, uma miscigenação ou mestiçagem que quer dizer que temos uma variedade seja na arte, na religião e até mesmo no modo de pensar.

Me orgulho muito da minha comunidade e de quem sou, pois a partir de sermos não só negros, mas negros quilombolas, conseguimos grandes avanços que antes não nos eram dados, mesmo existindo leis que nos garantem direitos que só conseguimos acessar devido ao reconhecimento da minha comunidade pela Fundação Palmares, isso me deixa muito

feliz. Quando eu era pequena e tinha que entrar para o ensino infantil, minha mãe não conseguiu vaga para mim na escola, então, surgiu a vaga para quilombolas e eu fui a primeira criança a cursar a escola como aluna quilombola. Minha mãe sempre fala sobre isso e da importância que significa, pois a diretora da escolinha dizia para minha mãe que não havia essa vaga, e o secretário da educação na época disse que elas tinham que arrumar a minha vaga, a lei diz isso.

Minha comunidade se chama COMUNIDADE MACANUDOS. Dentro da minha comunidade eu me sinto pertencente a um espaço que trilho desde pequena junto com minha mãe e toda minha família. Está localizada no extremo sul do Brasil, no interior da cidade do Rio Grande, RS. Tivemos alguns eventos dentro da nossa comunidade, mas o da festinha junina, para mim, foi um dos mais legais e bonitos, pois a maioria ajudou para fazer as coisas.

No ano passado, tivemos um evento grande, a 8ª MOSTRA SONORA BRASIL CULTURA BANTU AFRO-SONORIDADE TRADICIONAIS E CONTEMPORANEAS, a qual o SESC fez na nossa comunidade. Mas o evento que achei mais especial foi a nossa festa junina, na qual todos da comunidade participaram da organização das brincadeiras, com as comidas e até com a fogueira que a maioria ajudou a montar.



Para mim, a pior coisa que acontece dentro da comunidade é quando eles não se reúnem todos juntos para fazer as coisas. É muito triste quando vejo as pessoas com preconceito com quem é quilombola, as pessoas dizem que isso não existe e que todos os negros são iguais, não só com a nossa comunidade, mas com todas as outras comunidades.

Povos tradicionais são grupos com culturas diferentes, que possuem suas próprias organizações sociais, que usam e ocupam recursos para favorecer suas culturas, religiões e costumes. Minha comunidade se localiza dentro de um bairro, mas nos relacionamos bem com todos, pois cada um respeita o espaço do outro.

Até hoje existem costumes que minha mãe aprendeu com a mãe dela, que aprendeu com minha bisavó, que todos os anos faço junto com minha mãe, minha irmã, minha sobrinha e outras primas e tias, que é a colheita da marcela na Semana Santa. Os chás para as dores, que quando alguém pede, sei fazer e identificar as ervas, como a arnica, que vou ao campo colher e aqui só tem em um local perto de onde ficam nossas terras, a folha da lima de umbigo, que se toma para infecções urinárias, entre outras coisas, como infusões para dores.

As comunidades quilombolas, para mim, são muito importantes, pois somos um povo rico de sabedoria, cultura e religiosidade, trazendo riqueza e respeito pela natureza. Gostaria que existisse entre toda a população não quilombola um olhar de respeito com a nossa cultura, com nosso jeito de ser e de viver, respeitando direitos e leis que nos resguardam e vemos que, em vários lugares públicos, ou não, não são respeitados quando se fala em quilombolas.

## **Quilombo Forte**

O quilombo é um lugar onde eu cresci  
vivi vou seguir vivendo  
Vou falar nesse momento  
Sempre vou seguir falando desse movimento  
Zumbi não morreu por qualquer coisa  
lutou contra a dor e sofrimento  
E hoje vive através do tempo  
Então neste momento  
Declaro meu talento  
E assim sigo com meu andamento  
Pelo meu quilombo e pelos meus orixás  
Sigo fazendo aquilombamento

**Ana Luíza Bandeira de Iemanjá**

# **ANA LUIZA**

Meu nome é Ana Luiza Bandeira, sou omobìnrin okun (filha das águas), tenho 9 anos e sei que sou quilombola desde que estava na barriga da minha mãe. Eu pertencço à comunidade Quilombola Macanudos, sou neta de uma das mais velhas do quilombo, nasci e cresço com a presença dos meus avós, minha avó fez 70 anos dia 03/06/24.

Minha avó Vera Luiza da Costa Bandeira é a minha referência para fazer quase tudo que preciso. Ela é uma mulher muito legal e que faz todo mundo rir com suas histórias, igual a tia Zeli. A tia Zeli é a irmã do meu avô, ela tem 90 anos e passa alguns dias aqui em casa. Meu avô José Daniel Bandeira faleceu quando eu tinha 7 anos, em 2022, mas ainda mantenho ele vivo na minha cabeça. Sou filha de uma das lideranças da minha comunidade. Ela tem 31 anos, é psicóloga e parece blogueira e vive nos filmando, hehehe. Mesmo assim, continua sendo legal, divertida,

engraçada, amorosa e muitas outras coisas. Minha família sempre me leva nas reuniões, palestras e eventos quilombolas.

Eu encontro minhas primas e outras crianças, brincamos bastante, minha mãe desde pequena sempre me falou que nós, as crianças, somos a continuidade da luta e das vitórias Macanudas.

Minha casa é uma casa movimentada e frequentada por amigos e parentes. Na minha casa, moram só três pessoas, eu, minha avó materna e minha mãe, mas está sempre cheia de gente. Meu pai Charles, que é meu tio, mas pela tradição chamo de pai, ele é irmão gêmeo da minha mãe, ou seja, também tem 31 anos, ele é, dos 3 irmãos, o único homem e mais novo porque nasceu 1 minuto depois da minha mãe Charlene.

Minha mãe Charlene me explicou que nós, quilombolas, quando crianças, escolhemos outras pessoas da família que nos dão amor para serem também nossos pais e mães, eu não lembro disso e desde muito pequena eu tenho como mãe a minha mãe Charlene, minha mãe de sangue e criação; a minha mãe vó Vera, mãe da minha mãe Charlene e que também me cria; a minha mãe Eliane, que é a irmã mais velha do meu pai Charles e da minha mãe Charlene; a minha mãe Viviane, que é esposa do meu pai Charles; minha mãe Wanderléa, que é a mãe da Vivi; a mãe Mica, irmã mais velha da minha vó; e a mãe Flávia, que é a minha Iyalorixá. Tenho como pai meu pai Janderson, meu pai Charles, meu pai Renato, que é o marido da Wanderléa, e meu pai avô pai Bandeira, que foi para outro plano, mas sempre lembramos dele.



Eu sou uma menina muito alegre, pois sei que pertencço a uma comunidade que lutou junto desde muito tempo atrás para conquistar tudo que temos hoje e tenho certeza de que

iremos conquistar ainda mais coisas. O que eu mais gosto na comunidade são as brincadeiras, os encontros e, principalmente, os eventos e as comidas. A minha família é a comunidade. Eu vejo as pessoas alegres, felizes e com bastante força para seguir em frente.

Sim, com toda certeza eu tenho muito orgulho de ser quilombola. No meu Quilombo dos Macanudos, que fica no interior da cidade de Rio Grande, me sinto alegre, feliz e principalmente leve. Eu amei um dia SUPER feliz que foi a nossa visita no 2º Encontro Nacional dos Estudantes Quilombolas, teve a inauguração da quilomboteca, minha mãe Charlene era a organizadora do evento e fez um espaço para as crianças. Hoje, a quilomboteca ainda existe e eu faço parte criando as brincadeiras e atividades.



Mas eu odeio quando as pessoas brigam com a minha mãe e com gente de pele NEGRA nas reuniões.

As pessoas acham que porque somos negros não podemos falar, opinar, defender nosso ponto de vista e, principalmente, acham que a gente não deve fazer o que queremos. Eu vejo o preconceito contra nós negros como algo horrível. Porque opiniões boas são válidas para falar à vontade, já opiniões ruins guardamos para nós mesmos.

Povos tradicionais guardam os seus costumes, às vezes temos festas, celebrações, receitas, nos cuidamos com ervas de chá, minha avó Vera sabe tudo sobre folhas. Ela, a tia Mara, presidente da comunidade Quilombola Macanudos e a vó Duca, minha vó de coração, gostam de ir no mato e plantar também, minha avó toma chá de insulina, ela tem diabetes, meu avô fazia e ela faz chá de limão com mel e folha da bergamota daqui de casa para quando estou com gripe. As comunidades quilombolas são muito importantes para o país. Porque não existe Brasil sem quilombo!!!! O Brasil é um quilombo, eu aprendo isso no quilombo e todos deveriam conhecer a história dessas comunidades, não só a minha, mas outras também.



Sou uma menina que gosta de dançar, editar vídeos, cantar e, principalmente, fazer poesia; e gosto de cantar várias músicas. A minha preferida do momento é Mandume, do Emicida, e minha mãe cantava o refrão pra eu dormir. Às vezes, eu peço pra ela cantar ou me contar uma história, mas não de princesa ou fada, meu livro preferido é “Minha mãe é negra sim” e no final dele tem até uma música que é assim: “Eu sou negro sim, como Deus me criou, sei dançar pela vida, cantar liberdade gostar dessa cor...”

Sei tocar agê, pandeiro e tam-tam, gosto de criar rimas e poesias como essa:

O quilombo pra mim é importante!  
Ele é um lugar relevante  
E vai ser com ele que eu vou seguir adiante  
Com passos firmes, seguimos nosso caminho  
É assim que chegaremos no nosso destino  
Sempre unidos!!  
Nunca sozinhos  
Guiados pela ancestralidade  
Somos verdade  
Respeitamos a diversidade  
E lutamos pela igualdade  
Para que sejamos respeitados de verdade  
Pois temos muita dignidade  
Meu nome é Ana Luiza Bandeira e eu contei um pouquinho da  
minha história.



# **QUEM SOMOS NÓS**

**A expressão escrita como ferramenta de  
resistência anticolonial para as  
crianças quilombolas da Comunidade e  
Macanudos**

*Charlene da Costa Bandeira*

Omobinrin de Oyá  
Liderança da Comunidade Quilombola Macanudos  
Psicóloga Quilombola e de Axé

## **QUEM SOMOS NÓS**

Os povos tradicionais de matriz africana são grupos étnicos e comunidades que têm suas raízes ancestrais na África e que mantêm vivas as tradições, culturas e conhecimentos africanos em seu modo de vida diário. Nossas comunidades preservam e reverenciam seus laços com a herança africana através de práticas culturais, espirituais e sociais transmitidas de geração em geração. Nós, povos de terreiro, estamos intimamente ligados à espiritualidade, ao rito, e no Brasil muitas vezes somos reduzidos a uma prática religiosa, no entanto, nos denominamos povo tradicional, pois não se trata de uma religião, mas de um modelo tradicional de existência, uma filosofia de vida viva e vigente diariamente em nós. No Batuque e na Umbanda, encontramos nossas tradições africanas e indígenas. Saudamos e preservamos nossa conexão sagrada com a natureza e o respeito aos nossos ancestrais todos os dias.

Nós, povos quilombolas, somos continuidade da luta por liberdade, os quilombos, são as primeiras práticas de liberdade nas Américas após o começo de sequestro em África de nossos antepassados. Somos a existência, a sabedoria e a memória de um povo que, apesar das condições coloniais de violência, ousou sobreviver e construir existência. Somos resistência e preservação da cultura, assim como os terreiros somos memórias vivas deste país. Nossas comunidades (terreiro e quilombo) mantêm vivas as tradições culturais, práticas agrícolas tradicionais, artesanato, músicas, rezas, ervas, danças e muitos saberes. A cidade do Rio Grande é reconhecida como um berço das tradições de matriz africana no estado do Rio Grande do Sul, desempenhando um

papel crucial na preservação e disseminação dessas práticas enraizadas.

Eu Meu Chamo Charlene da Costa Bandeira, sou Omobinrin de Oyá, pertencço ao Ilé Asé Aloyá Ìfokànrán, sou liderança da comunidade remanescente de quilombo Macanudos, sendo assim pertencço a dois povos tradicionais de matriz africana localizados na cidade do Rio Grande, no extremo sul do Rio Grande do Sul.

A minha história é interligada à de minha família. Sou bisneta de Celina Amaral e filha de Vera Luiza da Costa Bandeira, uma das mais velhas da comunidade Macanudos, sou parte de uma linhagem que valoriza a continuidade do saber e da tradição. Meu pai, José Daniel Bandeira, partiu para o plano espiritual em março de 2022, após uma vida repleta de desafios. Ele personificou as lutas de um homem negro que buscou honrar sua família e sua ancestralidade. Sou mãe de Ana Luiza Bandeira, uma criança negra que, apesar de sua pele clara, carrega consigo em seu rosto traços marcantes e a luta quilombola. Sua compreensão da responsabilidade coletiva é um reflexo da forte tradição de nossa comunidade. Além disso, tenho uma irmã e um irmão gêmeo, Charles Bandeira, que compartilha comigo os desafios e esperanças de nossa geração.

Nossa Comunidade Macanudos tem raízes na tradição Bantu. Os valores matriarcais permeiam nossa cultura, garantindo que as mulheres ocupem papéis centrais, recebendo respeito e valorização. Nossa Comunidade foi oficialmente certificada no ano de 2013 pela Fundação Cultural Palmares. Além de pertencer ao quilombo, como comentei anteriormente, também sou membro do Ilé Asé Aloyá Ìfokànrán, nossa casa preserva as tradições de matriz africana, especialmente a tradição Jeje-Nagô. Cultuamos e preservamos também os saberes da Umbanda.

Minha identidade é fortemente influenciada por minha ancestralidade. Sou filha da Iyalorixá Flavia de Oyá e neta da Iyalorixá Donga de Oyá. Nossa tradição, o Batuque, está profundamente enraizada no sul do Brasil, Uruguai e Argentina, preserva práticas culturais e espirituais que foram passadas de geração para geração. O Batuque, que se originou em nossa cidade, é um testemunho da resistência e da luta de nossos antepassados, que trouxeram consigo valores, saberes

e espiritualidade. Através de nossas práticas, continuamos a celebrar e respeitar essa herança ancestral.

A identidade que construímos é muito mais do que a soma de nossas individualidades; ela é coletiva e repleta de significados. As mulheres das nossas comunidades (terreiros e quilombo) não apenas trazem novos seres ao mundo, como a visão ocidental entende, mas sim transportam a vida e também carregam a responsabilidade de transmitir saberes e valores. O útero é visto como símbolo da continuidade da vida, mas também como espaço de preservação de histórias e saberes que são transmitidos oralmente através de palavras, afeto, e expressão cultural e ancestral.

Escritas Infantis Quilombolas: Memória e (Re)existência em palavras.

Em seu livro “Memórias da Plantação”, Grada Kilomba, 2020, discute de forma impactante a relação entre escrita, poder e subjetividade, a autora discorre sobre a importância da narrativa como ferramenta de resistência e empoderamento. Ao declarar: *“Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político”*, a autora evidencia a necessidade de reivindicar a própria voz e narrativa em um contexto marcado por discursos opressores e predeterminados. Grada Kilomba, 2020, afirma em sua obra a dificuldade em falar dos povos marginalizados e excluídos, não se dar em articular o som da fala, mas em ser ouvidos dentro da estrutura do colonialismo.

Assim, pensando o nosso cenário, em que os saberes dos povos tradicionais são frequentemente invisibilizados e negados em uma sociedade ocidental e excludente e que também é adultocêntrica, a simples ideia de compilar escritos de crianças quilombolas e de axé se revela um ato de insurgência contra a lógica colonial. A escrita não é apenas um ato de expressão individual, mas também um ato de descolonização, onde as autoras desafiam e se opõem às estruturas coloniais ao nomear e reivindicar sua própria realidade. Essa reinvenção e a capacidade de se opor a narrativas impostas, são vistos como processos complementares na luta contra o racismo e outras formas de opressão. Identidade, poder, resistência e a importância da

escrita são ferramentas para reivindicar autonomia e desafiar estruturas de poder dominantes.

Nesse sentido, a publicação de um livro que dê voz e espaço para as narrativas dessas crianças não só desafia estruturas de poder excludentes, mas também reafirma sua condição de sujeitos detentores de saberes, sabedorias e potencial transformador. Em contraposição a uma sociedade que muitas vezes desconsidera a visão das crianças e as relega a um papel passivo, essa iniciativa se torna um instrumento de enraizamento cultural e valorização de uma tradição que sempre reconheceu e respeitou a importância das crianças e suas formas singulares de perceber e interagir com o mundo. É preciso considerar a relevância desse bonito projeto, potente e muito significativo, precisamos amplificar vozes antes excluídas, neste livro somos instigados a repensar e reimaginar o papel da escrita, da narrativa e, sobretudo, da escuta atenta e respeitosa das múltiplas formas de compreender e habitar o mundo.

Como liderança da Comunidade Macanudos expressei nossa felicidade em receber o convite para participar do projeto e da escrita do livro, através do fundador do Instituto Cultural Filhos de Aruanda, Cristiano Avila. Desde o início, nos mobilizamos para incluir algumas famílias e crianças, mas as dificuldades estruturais e culturais foram se intensificando, superando a literatura, a poesia, a arte, o riso e o canto. Infelizmente, nos deparamos com inúmeros obstáculos que fecham portas para experiências como esta, mesmo quando há de forma concreta oportunidades em projetos e iniciativas, de forma viável de participação, muitas vezes os desafios, aqueles invisíveis aos olhos da sociedade, se tornam maiores.

Esses desafios são infelizmente frutos de uma cultura de exclusão e preconceito que estabeleceu narrativas complexas e difíceis de dismantelar. Ainda assim saúdo em nome de toda nossa comunidade o Instituto, o presidente e toda a equipe do instituto por se permitirem sonhar e fazer com que esses sonhos cheguem até outras comunidades, sei que vocês também conhecem os desafios e ainda assim todo dia decidem novamente tentar mudar o mundo, um dia ou, neste caso, uma criança por vez.

Como mulher quilombola, preta e de axé, reconheço que tive a oportunidade de acessar políticas públicas de ação afirmativa, o que me possibilitou ingressar e me formar em uma universidade federal. Entretanto, percebo que essa bagagem cultural que adquiri e se juntou aos saberes que eu já tinha da comunidade, apesar de meus esforços para compartilhá-los com aqueles que ainda não tiveram o mesmo acesso, muitas vezes chega de forma diferente do que eu mesma gostaria. Eu entendo, enquanto quilombolas ainda temos outras preocupações que infelizmente ainda passam na frente de buscar mudanças significativas na vida que nos foi imposta. E acessar coisas, espaços e experiências ainda frequentemente destinadas aos brancos.

Minha filha, Ana Luiza, é um reflexo vivo dessa realidade dual, cresce em meio a realidade que cresci, mas também partilha seu crescimento com livros, cinema, viagens, espetáculos e outros elementos que ampliam a bagagem cultural de cada pessoa. Acredito que consegui afetá-la com minha trajetória, cursei psicologia na Universidade Federal do Rio Grande, ingressei no curso e ela tinha apenas um mês de vida, ela dividiu seus primeiros anos de vida com uma mãe que precisava estudar e apresentou a educação para ela de uma forma mais alegre. Hoje com apenas 9 anos, ela é uma das autoras deste livro e já escreve poemas, músicas, compõe narrativas, cria histórias, roteiros, brincadeiras e atividades.

Possui um senso crítico admirável, além de uma percepção e sensibilidade genuínas, sendo geniosa, forte e amorosa. É uma criança autêntica e, se me permitem dizer, à frente de seu tempo; com apenas 9 anos entende suas responsabilidades dentro da comunidade quilombola e do ilê. Toda mãe se orgulha de seus filhos, mas eu posso dizer com tamanha emoção a benção que recebi de ter nascido como mãe gerando essa grande filha, amiga, companheira e leal. Como uma verdadeira “filha das águas”, ela avança e recua como o mar, encantando e surpreendendo a todos ao seu redor. Assim como as águas cristalinas, ela brilha e, como boa filha da senhora do pensamento, nos agracia com seus dons e talentos. Peço que a mãe lemanjá sempre abençoe seu orí e que você sempre saiba ouvir a sabedoria e a orientação do mar.

Minha irmã, Emanuelle, também é uma das autoras deste projeto. Ela é uma menina que teve o privilégio de ver crescer. Desde pequena, Emanuelle escolheu minha mãe como uma de suas figuras maternas, e o amor que sinto por ela é imenso. Às vezes, a observo em silêncio; Emanuelle é de poucas palavras, mas quando está com outras crianças, correndo e brincando, torna-se parte dos momentos mais alegres que elas criam juntas. O dom artístico de Emanuelle se expressa através de seus desenhos. Com graça e leveza, como só os grandes artistas possuem, ela transforma uma simples folha de papel em branco em verdadeira obra de arte, encantando a todos nós com sua maestria. Seu olhar tímido e sua risada que às vezes escapa quando ela nos conta algo engraçado, escondem a pureza e a sensibilidade de uma menina cheia de sonhos e alegria, mas que já percebeu o mundo como ele realmente é.

Anossa próxima autora é a Lauren, uma menina doce e amorosa, seus olhinhos puxados se tornam pequenininhos quando ela sorri, seu sorriso ilumina a todos. Lauren é amiga, companheira, dona de um senso crítico cuidadoso e preciso e ao mesmo tempo de uma imensa capacidade de amar. Coloca-se algumas vezes em último lugar para manter a harmonia nas brincadeiras, seus gestos sempre me revelam o quanto ela já compreendeu o que é amar em comunidade. Lauren se descobre e redescobre diariamente, um dia uma luta, um desenho novo, um personagem. Recentemente, descobrimos seu amor e aptidão para o tambor, aprendia a tocar enquanto dançava, seus olhinhos brilhavam felizes, é também uma excelente contadora de histórias, talvez por saber ouvir também, sua pele preta brilha assim como ela. Enquanto eu gestava a Ana Luíza, minha prima Sabrina gestava a Lauren, elas têm alguns dias de diferença no nascimento, e assim como nós, suas mães, que crescemos juntas, hoje elas crescem também. Isso é um tempo memória, um tempo ancestral que nos permite reviver várias vezes momentos felizes. Seu dom não diferente de sua tia e prima também aqui citadas é encantar. Essas 3 meninas quilombolas juntas conseguem ter encontrado e lutado diariamente formas para reescrever uma história, histórias suas, nossas, de nossa comunidade com alegria e leveza, com sabor de brincadeira e amor coletivo. Que orgulho poder (re)Existir em vocês.

Às vezes, olho para elas e reflito sobre como cresceram tão rápido. As fotos de suas infâncias ajudam a matar a saudade de um tempo em que eu podia protegê-las do mundo. No entanto, consigo olhar de cada uma que estão se tornando exatamente aquilo que nós, mulheres mais velhas, desejamos: donas dos seus próprios destinos, seguindo a sabedoria ancestral! É emocionante testemunhar essa transformação e saber que elas estão trilhando seus caminhos com coragem e criatividade, fazendo ondas que reverberam por onde passam.

Espero que vocês, caros leitores, tenham a sensibilidade de se abrir para as páginas gentilmente escritas por elas. Permitam-se enxergar o mundo através dos olhos delas, sentir a grandeza e a beleza de pertencer a um povo enraizado em saberes, tradições, cultura, amor pela vida, pela negritude e pela ancestralidade, mas estes saberes para elas são naturais, se existe um mundo diferente não é este quilombola, este é o mundo a qual pertencemos.

Agradeço ao instituto mais uma vez pelo convite; escrevo este texto repleta de orgulho. Poderia me estender mais, mas hoje o protagonismo é todo de nossas três lindas autoras. Agradeço à minha irmã Emanuelle, à minha filha Ana Luiza e à minha sobrinha Lauren por existirem e por serem exatamente quem são. Aqueles que lerem suas palavras devem se sentir honrados, pois suas palavras carregam o peso de quem escreve com a ancestralidade e a permissão daquelas que já não estão mais aqui e de nossas lideranças e mais velhas, sim é uma escrita de nós. Vocês, juntamente com nossas outras crianças, representam nossas continuidades. Eu amo vocês. Que os orixás sigam protegendo vocês e nossas comunidades. Obrigada por tanto nossas sementes Macanudas!



**POVOS E  
COMUNIDADES  
TRADICIONAIS  
INDÍGENAS  
POVOS  
ORIGINÁRIOS**



Os povos originários são aqueles que foram os primeiros habitantes de uma terra. No caso do Brasil, os povos originários são os indígenas. O termo tem relação direta com a chegada dos europeus e a colonização. Povos indígenas de outras partes da América e os aborígenes australianos são exemplos de povos originários. (<https://brasilecola.uol.com.br/>)

## ORTIS

Meu nome é Michele Ortis, eu tenho 16 anos e moro na aldeia que tem o nome de TEKOA YYREMBÉ, somos uma comunidade indígena do povo tradicional indígena. Moramos em pequena aldeia que tem 5 casas, todos são legais, temos em média 20 pessoas, crianças, adolescentes, jovens e adultos, o mais velho tem 78 anos. Ser indígena é aprender a cultura através das avós e dos pais, tradição e famílias. As pessoas são legais, minha família é unida, tudo legal, eles trabalham e fazem as coisas certas.

Eu gosto muito de me divertir, mas eu aqui sou diferente das outras pessoas, eu não falo muito com as pessoas e não tenho amigos. Só eu que brinco aqui perto da minha família, eu falo muito e brinco com minhas irmãs e não saio de casa, nem pra passear por causa da intimidade. Quando eu saio de casa, eu me sinto envergonhada, me sinto como feia e tenho medo das pessoas, eu penso que falam mal de mim, só eu que me sinto assim. Meus pais não sabem o que eu realmente sinto na vida, não sei mais o que devo fazer na vida, não sei explicar direito?!? Tenho muitas coisas para falar, como me sinto, mas não sei explicar sobre mim!? Aqui, no meu lugar, eu fico melhor. Faço aqui o que eu quiser, brincar, dormir, cozinhar, lavar roupa, ficar com preguiça, cuidar de animais que eu acho no chão caídos, então, estou de boa em casa.

Na escola, e chego na escola atrasada só as vezes, eu sou calada, não falo muito. Eu só fico no meu lugar, não tenho amigos na escola e tem uma menina igual a mim, mas ela fala mais um pouco do que mim, ela também fica calada na escola. Bom, na escola eu sou como uma pessoa fria e nas matérias eu sou ruim, em todas eu acho, eu sou muito pensadora e, bem, eu só penso demais e não consigo fazer tudo que está na minha cabeça.

Kerexu miri - significado que tenho medo.

Chivi – gato

Yvyra – árvore

YuYtu - vento



# BEATRIZ

Meu nome é Beatriz Ortiz, tenho 14 anos, moro na aldeia Tekoa Yyrebe, sou indígena na comunidade Sul do Brasil, um pouco difícil para mim por conta da comunicação de falar com outras pessoas, por isso que é um pouco difícil.

O que eu mais gosto da minha comunidade é paz e tranquilidade entre nós, como minha família se relaciona com a comunidade é bom. As pessoas da minha comunidade são pessoas boas, determinadas.

Se orgulha de ser comunidade indígena. Não, eu não sei como eu me sinto, se eu me orgulho de ser indígena, povo tradicional. Eu me sinto sufocada, a pior coisa é ser julgado, como eu vejo o preconceito que existe contra os indígenas. Na minha visita, as pessoas estão apontando dedo para uma pessoa que é diferente deles.

**Parairete** – significado de não temer a nada

**Comdo** - fazer uma escolha, se eu fazer uma escolha errada ou certo isso depende de mim. Digamos que eu escolhi um caminho errado e eu “tô” no fundo do poço, mas isso não me impede de seguir em frente.





# MATEUS

Meu nome é Mateus, tenho 19 anos, moro na aldeia Yyrembe que significa (Beira-Mar), somos comunidade indígena do povo Mbya Guarani. Moramos numa casa de materiais e tábuas, somos 4 famílias, somos 20 pessoas, 6 crianças, jovens, adultos e meus avós.

Minha aldeia é boa, gostamos de viver no sul do Brasil. Na minha aldeia, todo mundo se apoia e se ajuda, crianças brincando e aprendendo cultura indígena. É uma relação amigável e política com a comunidade do volta. Minha família é criativa, acolhedores e são muito responsáveis.

Ser indígena é amar a natureza e os seres vivos que habitam nele, ser indígena é aprender a plantar e caçar. O meu povo é Mbya Guarani, a maioria vive na Argentina e Paraguai e também lá por São Paulo. Me sinto ser eu mesmo, posso me sentir livre, viver sem medo de preconceito ou virar motivo de piada por ser quem eu sou. Minha aldeia fica em Rio Grande, no Cassino, um lugar pequeno, mas é bom de morar.

Dia 19 de abril, que é Dia dos Indígenas, toda família e conhecidos sempre se reúnem para banquete, fazer brincadeira indígena, dançar e cantar músicas tradicionais e fazer comidas tradicionais.

Quando viemos de Argentina para o Brasil, foi uma das melhores coisa que aconteceu. A pior coisa para família é deixar suas casas que tiveram que deixar para procurar um lugar melhor onde não há fome.

O preconceito vejo como motivo para continuar lutando por nossos direitos. Povos tradicionais são povos que continua seguindo sua cultura e tradição, até mesmo quando vivemos no mundo moderno continuamos seguindo a nossa cultura.

Karai tataéndy – karai é o nome dado aos espíritos da natureza, que é dado somente na casa de reza (Opy'i), o ritual ocorre a cada final do ano, em dezembro, que é mês de renovação, prosperidade e consagração de tupã.

Tatáendy é tipo um sobrenome. Tata significa Fogo, Endy significa Luz, ou algo que emite brilho ou luz e dois juntos é “Tatáendy” que significa “Luz do fogo”. Tatáendy é que vai definir as suas características como pessoa e o seu modo de viver.

Karai Tatáendy é sua característica de acordo com o meu avô que é Pajé e também carrega o nome de Karai Tatáendy.

Bom “Karai Tatáendy” é uma pessoa forte, guerreiro, que age com bravura e é o mais poderoso guerreiro da etnia Guarani. Na História dos Mbya Guarani, os guerreiros mais fortes e poderosos eram os Karai Tatáendy e também eram os únicos das maiorias que assumia o posto de Pajé. Quando se atinge o nível de ser honrado assim o nome Pajé, significa que você atingiu o nível mais alto de sabedoria do mundo, falar com os espíritos da natureza, até mesmo ver o futuro e também fazer o ritual mais sagrado de dar os nomes dos futuros guerreiros e guerreiras e abençoar o início da Renovação.



# AURELIANO

Meu nome é Aureliano, eu tenho 15 ano, meu aldeia é Yyrembe, minha casa é material, minha aldeia tem 20 pessoas. Como ser indígena em um município no sul do Brasil, eu gosto de uma arco, flecha, também eu gosto jogar bola com minha família. Eu “tô” orgulhoso de indígena, a maioria vive na Argentina, eu sente avese que eu contei para meu aldeia fica no capina, mas eu quero estudar para ser jogador. Yo solo vive acá em aldea, yo me gusta escuela. Y alguien em mi sala estaba com amigo y yo entra em la sala ya está mucho loco, jugando futebol avese escondido.

Minha dificuldade de viver na sociedade, é um pouco difícil por conta de ser indígena e ter que ir para escola, é desconfortável ter que entrar na sala e basa pelos alunos e ter que sentar no meu lugar. Minha dificuldade de fala também e difícil por conta da ligua portuguêsa, eu não sei muito falar em português, mas tô me esforçando para conseguir entender melhor a ligua portuguêsa. Eu tenho mai dificuldade e ter que interagir com outros alunos da minha sala e ter que fazer tuplas com os colegas. Eu fiz tupla com três colegas, mas por conta da dificuldade de interagir e falar não conseguir ajudar muito minha tupla no trabalho, me centi um pouco chateado.

## **Pequeno Vocabulário Guarani**

Tradição- Teko

Ancestral- ypy

Família- Nhanerentarã

Jovem- meninas- Kunã Mitã meninos- Ava Mitã

Criança- Kyringue

Livro- kuationa

Leitura- Hauvua

Patrimônio- Roguereko

Pertencimento- Imba'e  
Amigo- Irum  
Comunidade- Rekoa  
Luta- Joguero'a  
Resistência- Mbaraete  
Amor- Ayvu  
Sucesso- Porã Hete  
Liberdade- Oiko Porã  
Comida- Temby'u  
Bebida- Jau'u  
Ser- Ha'e  
Presente- Opaixagua



**“Ñande rekove niko ndajajoguai”  
“Nossa vida não compramos”— provérbio  
guarani**

## **EDUARDO**

Eu sou cacique Eduardo, aqui na Tehoa Yyrembe agradezemo nessa trabalho junto com você durante essa caminhada. A nação Guaraní era dividida três grandes grupos. Tapes - habitavam a zona oeste e centro-oeste do estado e seria os futuros indígenas missionários. Arachanes - habitavam a banda oeste da Lagoa dos Patos. Carijós ou Patos - habitavam o litoral norte do Rio Grande do Sul e Porto Alegre. Estamos por todo o Rio Grande do Sul, e aqui a gente estamos muito felizes por isso nesse trabalho.

# REDAÇÕES

# LUAMY

O meu nome é Luamy Ramalho e frequento a religião desde a barriga da minha mãe, quando ela estava grávida e participava da religião. Quando fiz 2 anos, eu me aprontei. Eu gosto de participar da religião porque eu tenho fé, também porque adoro os Orixás e os Exus, gosto também da Umbanda, de tudo que ela tem.

Minha mãe se dá bem com os nossos irmãos de santo, a gente se relaciona bem. Muito bom, me dá uma paz e gosto de participar. Os dias que tem batuque ou sessão são marcados e divulgados para todos, sempre tem uma data de comemoração. O que de bom acontece comigo é que eu me sinto bem depois da incorporação, me canso, só que no outro dia me acordo bem. Apesar de nova, tenho o aparelho aberto e recebo as “coisas”, sou médium. Na escola, alguns falam que religião é ruim, que é macumba, mas para mim, que sou de religião, só vejo coisas boas. Aqui, não vejo nada de ruim. Olha, realmente, os povos tradicionais, terreiros de Candomblé, Umbanda e outros, como o meu que é gege nagô, são povos que têm ligação com o ancestral. No meu terreiro, tem festas tanto de Orixás no Batuque como sessão de Exu, mas acho que ainda não fazemos ações sociais. Pra mim, que sou de religião, no nosso terreiro nos relacionamos bem com outras pessoas.



**Luamy Ramalho**

Reino de Ogum Cabocla Jupira Seguidores de Oxum Brilham

# NATALHY

Meu nome é Natalhy Rosa, tenho 16 anos e tenho pouco tempo na religião. Meu terreiro é simples e tem mais ou menos umas 15 pessoas. Todos que vão são de todas as idades. É bom participar das rodas de Umbanda, Nações e Exus, apesar de não ser iniciada. Já fiz chão, mas não sou pronta. Sempre me senti muito bem acolhida dentro da religião, minha família toda é também.

Os dias de terreiro é mais nas datas quando fazem chão, sempre aos finais de semana, porque a maioria trabalha, então, fica melhor nesses dias. Já aconteceram várias coisas de bom dentro da religião e na minha vida, eu tenho um pouco de medo de girar, sabe, muito medo.

As pessoas são loucas, julgam sem saber que só se faz o bem na minha casa. Eu sei que os povos tradicionais são os indígenas, os descendentes de africanos, terreiros, etc. Meu terreiro sempre faz festas em datas comemorativas. O Pai Pedro, meu bisavô, faz bastante e nos ajuda em tudo. Meu terreiro se dá muito bem com a comunidade e todas as pessoas em volta.

**Natalhy Rosa**



# CRISTIANE

Meu nome é Cristiane Ramalho. Frequento a casa de religião desde que estava na barriga da minha mãe, pois já tinha algum tempo que minha mãe frequentava uma casa, então, quando soube que estava grávida já fazia parte do terreiro, da corrente. Meu terreiro é pequeno, tem por volta de umas 20 pessoas, entre 3 anos de idade e 65 anos.

É muito bom participar de um terreiro, a nossa chefe, a Cacica, ou ainda Mãe de Santo é bem legal e compreensiva. Sempre ajuda a todos na medida do possível, pois ela é uma só para atender todos as pessoas que fazem parte da casa.

Gosto de participar e cumprir as minhas obrigações nos dias que temos terreira, nas festas, juntamente com as entidades. Também gosto de ajudar na cozinha, na decoração, ajudar no que for preciso. A enrolar balas, na faxina, etc.

A minha família se relaciona bem com o terreiro, visto que acompanham sempre a casa que frequento. Minha mãe, mesmo sendo de outra casa, participa bastante também. Eu faço parte já faz uns 6 anos, faço as minhas obrigações anualmente. Me sinto muito bem fazendo parte do meu centro. Os dias de gira são de acordo como a Mãe de Santo ordena e nos avisa, daí, nós comparecemos, ajudamos com as coisas pedidas e, nos dias necessários, nos fazemos presentes.

Não tenho experiências negativas, só positivas e, às vezes, é muito divertido devido aos Cosmes que são muito arteiros. Gostei muito esse ano de ter participado de uma terreira fora de casa, que foi na casa do meu avô de religião, o lugar era muito lindo.

O preconceito surge porque as pessoas têm falta de conhecimento da religião dos outros e também devido ao preconceito contra os negros e indígenas, os povos tradicionais. Os povos tradicionais, os indígenas, são os verdadeiros donos das

terras que habitamos. O meu terreiro faz reuniões de Umbanda, onde tocamos para invocar espíritos dos indígenas, os Caboclos, eles são muito bons, nos ajudam muito na vida, com conselhos pra saúde, orientando a todos. Nosso terreiro ajuda as famílias que nos procuram fazendo ações sociais, com roupas e alimentos. Em relação ao bairro, nos relacionamos bem quando alguém precisa de ajuda, nós ajudamos e procuramos fazer uma boa vizinhança com os moradores do bairro e os vizinhos da nossa quadra.

**Cristiane Ramalho** - Reino de Ogum Cabocla Jupira Seguidores de Oxum  
Brilham

# ÉVELLYN

Me chamo Évellyn Porto, tenho 15 anos e cultuo a religião desde que me conheço por gente, pois sou apaixonada por ter essa religião na minha vida, desde pequena eu participava por conta da minha mãe, dinda e tia. E eu praticamente nasci na religião, mas eu comecei a participar, mesmo, com 10 anos de idade, quando eu descobri quais são meus Orixás de cabeça e corpo. Sou filho de cabeça de Mãe Iemanjá e de corpo de Pai Bará Agelú.

A religião para mim significa Paz, tu vêes que nela você se sente seguro, onde ninguém pode te julgar no que você é, ou o que você quer ser. Eu sinto que os Orixás te apoiam nas suas escolhas e abrem os seus caminhos, ajudam na saúde e afastam pensamentos negativos.



Quando eu era pequena, eu frequentava quase todos terreiros com minha mãe, amava estar na volta, me divertia muito brincando, falando com as entidades, eu me sentia segura perto dos Orixás. E, hoje em dia, frequentando a religião mais do que eu frequentava, sou realmente grata por ter entrado na minha vida.



Com força de axé.

**Évellyn Martins Porto**

# LUÍSA

Meu nome é Luísa Silveira, tenho 16 anos e moro na São João (mais conhecido como). Frequento a religião desde a barriga da minha mãe, minha Mãe de Santo é minha tia Irene. Meu terreiro é bem simples e humilde e de governança da Orixá Iemanjá. Não sei quantos pessoas frequentam, mas acho que mais ou menos uns 20, tem pessoas de todas as idades, desde pequenos até os mais idosos.

Muito bom ter um contato com os Pais Orixás, Caboclos, Pretos e Cosmes. Eu gosto mais dos Orixás e também dos Exus. Gosto das giras, das comidas e tudo que se faz dentro da religião, tudo é maravilhoso e bom. Quase sempre os dias de gira são aos finais de semana.

Minha família é toda de religião e todos nós somos, porque já nascemos e nos criamos dentro dela. Sou pronta no Batuque, sou filha de Oiá com Xapanã, já fiz desde pequena todos os rituais. Me sinto muito bem lá dentro e muito grata por tudo, fui curada de várias feridas que me nasceram desde pequena e, depois, fui salva na crise de asma muito forte.

Eu não tenho influências negativas, mas odeio o preconceito que as pessoas têm com nossa religião. Deveriam conhecer, pois somos povos tradicionais, e os povos tradicionais são da cultura afro. Minha terreira faz muitas festas, principalmente, em datas comemorativas. Meu bisavô de santo, o Pai Pedro de Oxum, faz as procissões e muitas ações sociais. Minha terreira se relaciona muito bem com as pessoas da volta até porque muitas a procuram.

Como me sinto sendo descendente de quilombolas... Esta é uma boa pergunta, pois fez eu perceber coisas que nem sabia de minha história e meus ancestrais, por isso tive que pesquisar

mais a fundo nesse tema e, aqui, estão algumas coisas que me lembro de ter aprendido na escola e das minhas pesquisas:

- os quilombos eram comunidades escravizadas de fugitivos da resistência formadas por pessoas africanas de pele negra e fugitivos de seus “donos”, assim eram criados os quilombos no Brasil;
- eles tinham uma forte identidade por ter o espírito de luta pela liberdade, por isso, eles se juntavam em cabanas quilombolas;
- felizmente, hoje em dia, toda essa comunidade ainda existe, e agora tendo o reconhecimento que merece e tendo um lugar com direitos constitucionais garantidos, proteção e tradição da comunidade;
- por ser um país muito grande, cada quilombo tem algo de diferente dos outros, contribuindo para a diversidade cultural do país e para o entendimento da história afro-brasileira;
- a luta continua até hoje, de formas diferentes, para manter as terras antigas, a luta contra o racismo estrutural e a promoção de condições de vida dignas.

Ser um descendente fez eu carregar uma herança de cultura, resistência e histórias que devem ser muito respeitadas. Eu me sinto muito feliz de ser parte de uma história tão rica e bonita como essa, ela faz eu me lembrar da época da escola quando eu estudava sobre a história do Brasil e de Zumbi dos Palmares, que para muitos era o maior herói da época da escravidão, enquanto para mim parece mais um homem que teve mais coragem que os seus iguais. Fico muito intrigado que fomos o último país a abolir a escravidão e foi não só pelos quilombolas, mas também os ingleses e outros países conhecidos, dando cada vez mais direitos para as pessoas.

**Luisa Silveira**



# EDUARDO

Meu nome é Eduardo Mendonça Brasil, tenho 15 anos e frequento terreiro desde os meus 10 anos. Meu terreiro tem mais ou menos 20 pessoas de idades totalmente diferentes.

Eu ser uma pessoa negra no terreiro parece normal, mas como qualquer outra pessoa sabe, tenho que aguentar diariamente muita gente falando mal e atacando a minha religião. Eu gosto muito das entidades e das pessoas, minha família se dá muito bem com o terreiro, as pessoas que frequentam são tranquilas. Eu já fiz alguns rituais no terreiro, eu me sinto muito bem. Meu terreiro fica no Lar Gaúcho e as giras são de 2 em 2 semanas.

Uma das coisas mais legais que ocorreram no terreiro foi conhecer pessoas que levarei para a vida, e a pior, uma amizade que não deu certo. Na minha opinião, a intolerância, o preconceito, estão completamente errados, devemos respeitar a religião de todos. Nós, de terreiros, os indígenas, os ciganos somos povos tradicionais e temos nossa cultura há muito tempo. Meu terreiro faz festas e ações sociais como muitos terreiros. Meu terreiro se dá muito bem com a vizinhança, todos são muito bem-vindos.

Os terreiros são lugares ótimos pra frequentar, esquecer da vida cotidiana e pensar positivo. Se quiser, tente ser de uma casa, mas se não quiser, respeite sempre, nunca faça nenhuma coisa ruim pros filhos e entidades de uma casa, o respeito é o mais importante sempre!

**Eduardo Mendonça**

Terreiro da mãe Oxum - Pai Hiago de Oxum

# VITOR

Minha chegada no terreiro foi aos meus 4 anos de idade e desde essa idade nunca mais quis sair de lá, é muito bom “tá” lá. Sinto uma energia muito boa lá dentro, eu amo estar lá. Eu nunca incorporei, mas creio que se eu me concentrar, eu consigo. Tenho vários guias, Exu, Pombagira, Ogum, Iansã e Xangô. Sei tocar tambor, atabaque, pandeiro e agê. Tenho, lá, muitos amigos, todos gostam de mim.

**Vitor Oliveira.** C.E.U Pombagira Ciagana e Ogum Beira Mar



# **CONSIDERAÇÕES**

## **Vera Oliveira**

### Presidente do Instituto

**E**star escrevendo nas páginas do primeiro livro editado, pensado pelo Instituto, e ainda mais escrito pelas nossas crianças, nossos educandos, é muito significativo. Estou no Instituto desde 2014 (por aí), já fui vice-presidente e, atualmente, estou como presidente. Não tem como falar do Instituto sem falar no Cris. Ele quem criou tudo isso lá em 2012. Sozinho pensou, organizou tirou do papel e continua a fazer muito. Aos poucos, fomos nos juntando e ajudando a estruturar e realizar sonhos, a mudar as perspectivas das pessoas, principalmente, de crianças e adolescentes que por aqui passam. Nossa missão maior é deixar um mundo mais igualitário, onde todos possam viver em paz e em pé de igualdade.

Eu sou mulher negra, vivo a tradição de terreiro, me criei no Centro do Sete Flechas do saudoso Alaor. Minha irmã fazia parte da corrente com 12 anos de idade, e eu tinha sonhos premonitórios, tinha visões, minha mãe era católica não aceitava muito, apenas minha irmã estava na corrente. Em uma ida à mata, incorporei a Cabocla Jupira da Marola, foi uma polêmica, a cabocla disse que eu tinha que desenvolver e tive algumas incorporações em casa. Também passei a ir na terreira do meu tio, o CEU João das Matas. Neste período, minhas entidades já ajudavam nos passes, tenho por volta de 60 anos de Umbanda.

Entendo que é importante que as crianças e adolescentes tenham esse contato com suas tradições, com seus ancestrais, lembro que no Seguidores do São João Batista tinha uma corrente enorme de crianças. Acho muito importante os filhos estarem ao nosso lado, aprendendo, vivenciando.

É um marco para todos os povos tradicionais do Rio Grande o que estamos concretizando com o Instituto, através de recurso do Fundo da Criança e do Adolescente poder lançar um livro com as palavras escritas pelas crianças.

#### **Vera Teresinha Souza Oliveira**

Presidente do Instituto Cultural Filhos de Aruanda – Gestão 2021-2024,  
Sacerdote do C.E.U Seguidores de Ogum Beira Mar e Pombagira Cigana

## **Cristiane Troina**

### Coordenadora do Projeto e Instrutora

O projeto “Coletânea: Minha Vida, Minha História” foi uma iniciativa enriquecedora que envolveu crianças de diversos grupos tradicionais na cidade do Rio Grande – extremo sul do Rio Grande do Sul - e foi realizado pelo Ponto De Cultura/ Instituto Cultural Filhos de Aruanda. Projeto que tive o prazer de participar como coordenadora e oficinaira de produção textual, escrita criativa e textos diversos, trabalhando com as crianças de 09 a 18 anos .

Nesse projeto, estavam inseridos diversos grupos tradicionais, entre esses crianças indígenas da Aldeia Beira do Mar, crianças de famílias de pescadores ou descendentes de pescadores, moradores do bairro Barra, crianças quilombolas e crianças de terreiros. O objetivo principal do projeto foi proporcionar um espaço para que essas crianças pudessem compartilhar suas vivências e histórias, valorizando suas culturas e identidades. Perpetuando, assim os saberes que são passados de geração em geração e, por fim, acabam por se perder.

Acredito que esse é um ponto que devemos salientar, e justificar a importância desse projeto, pois foi difícil foram encontrar crianças dos seguimentos já descritos que soubessem e que estivessem em consonância com a proposta, um escrita sobre suas tradições para que mais crianças pudessem conhecer a riqueza da diversidade cultural.

Desde o início, a preparação para o projeto foi intensa, já que foi necessário montar estratégias para acolhimento, para que não gerasse estranheza no contato como desenvolvedora do projeto. Primeiramente, buscamos reunir as crianças no Instituto, mas como havia deslocamento, veio a primeira inquietude, como pessoas com pouco acesso chegariam até o Instituto? Então, montamos uma segunda estratégia que foi ir até os espaços onde essas crianças já estavam inseridas, o que faria com que o processo de escrita e narrativas de suas histórias acontecessem de forma mais rica.

E, como esperávamos, foi dessa forma que se deu. Ao recordar os momentos em que estive reunida com os indígenas no seu espaço, localizado no Camping Municipal, localizado no balneário

Cassino, entre as árvores e com todos os outros familiares próximos, reafirmo que foi uma troca muito significativa.

Afinal, todos nós somos sujeitos aprendentes e, por ser aprendente, naquela primeira visita à aldeia, estabelecemos um ambiente de respeito e acolhimento, onde cada criança pôde se sentir segura e valorizada para compartilhar suas histórias. Realizamos reuniões com as lideranças das comunidades envolvidas, explicando a importância do projeto e garantindo o apoio necessário para sua realização.

Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia da Autonomia”, nos lembra que *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”*. Inspirados por essa visão, buscamos criar um espaço onde as crianças pudessem construir e compartilhar suas próprias narrativas.

Durante o desenvolvimento do projeto, realizamos diversas atividades com as crianças para coletar suas histórias. Utilizamos diferentes métodos, como oficinas de contação de histórias, desenhos, dramatizações e entrevistas. Cada criança teve a oportunidade de expressar suas vivências de maneira única, resultando em uma rica coletânea de narrativas que refletiam a diversidade e a riqueza cultural de cada grupo.

A metodologia freireana nos guiou ao longo do processo. Freire afirma que *“a educação é um ato de amor, e, por isso, um ato de coragem”*. Com essa premissa, nos empenhamos em ouvir com empatia e respeito, garantindo que cada história fosse acolhida com carinho e valorização.

Um dos momentos mais marcantes foi a troca de saberes entre as crianças. Conforme Paulo Freire destacou, o aprendizado se dá na troca: *“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”*. E foi exatamente isso que vivenciamos. As crianças indígenas compartilharam seus conhecimentos sobre a natureza e suas tradições; as crianças de famílias de pescadores falaram sobre a vida no mar e as técnicas de pesca; as crianças quilombolas trouxeram à tona histórias de resistência e resiliência; e as crianças de terreiros mostraram a riqueza dos rituais e tradições afro-brasileiras. Essa troca de saberes foi um verdadeiro ato de

educar-se mutuamente, onde todos aprenderam e ensinaram, mediatizados por suas próprias experiências e vivências.

Além dos desafios mencionados, enfrentamos momentos de aflição por não conseguirmos alcançar o público ao qual o projeto era destinado. A necessidade de adaptação nos levou a visitar a aldeia, o quilombo e a Barra, buscando envolver as comunidades de forma mais efetiva. A escrita também se mostrou um desafio, indo além dos espaços formais de educação. Projetos como esse devem receber maior atenção e apoio por parte dos nossos governantes, reconhecendo seu impacto na valorização das culturas tradicionais e no aprendizado mútuo.

Participar do projeto “Coletânea: Minha História, Minha Tradição” foi uma experiência transformadora. A oportunidade de trabalhar com crianças de grupos tradicionais e ouvir suas histórias foi enriquecedora, tanto para mim, quanto para todos os envolvidos. A troca de saberes proporcionada nesse projeto com certeza transformou a minha trajetória enquanto educadora e enquanto ser pertencente a essa sociedade. E ainda mais enquanto mulher pertencente a terreiros, vejo o quanto é importante possibilitar esses espaços de fala.

A todos os participantes desse lindo projeto, gratidão pelos ensinamentos!

**Professora Mestre Cristiane Troina Ferreira**

Coordenadora e Instrutora do projeto

## **Natalia Guterres**

### Revisora

Fazer a revisão dos textos do “Projeto Coletânea: Minha história, Minha tradição” foi uma experiência profundamente enriquecedora, pois reúne narrativas criativas e autênticas de crianças e adolescentes das comunidades tradicionais, incluindo povos de terreiros, quilombolas, indígenas e pescadores.

Ainda que frequentadora de terreiros há alguns anos, percebi que pouco sei sobre a cultura que envolve tal comunidade, tampouco sei (ou sabia) sobre as comunidades quilombolas, indígenas e de pescadores. Confirmei que o que sei, ou melhor, sabia, eram informações construídas a partir do senso comum, a partir de argumentos pouco fundamentados e talvez pouco verídicos.

Durante o processo de revisão, fui envolvida por uma grande diversidade cultural em cada história escrita pelos pequenos/jovens autores. São perspectivas únicas e verdadeiras, que refletem as tradições e as esperanças dessas comunidades. A autenticidade e a profundidade dos relatos evidenciam a riqueza cultural de cada comunidade, bem como a resistência desses povos. Emocionante!

Ao revisar cada história, senti uma enorme responsabilidade em manter a integridade da escrita dos autores, principalmente dos indígenas, garantindo que suas palavras fossem fielmente representadas e respeitadas. Foi inspirador ver a maneira como essas crianças e adolescentes expressam suas identidades e tradições com tanto orgulho e eloquência.

Além disso, esse trabalho me proporcionou um aprendizado contínuo sobre a importância de valorizar e preservar as histórias e as culturas das comunidades tradicionais. A revisão dos textos não foi apenas um exercício técnico como de costume, mas também uma oportunidade de contribuir para a visibilidade e o reconhecimento dessas vozes tão cheias de significado, mas muitas vezes sofridas (ainda que sejam crianças e adolescentes).

Em suma, participar da revisão do “Projeto Coletânea: Minha história, Minha tradição” foi um privilégio e uma experiência importante para mim enquanto educadora e cidadã. Estou honrada por ter tido a oportunidade de ajudar a trazer essas

histórias para o público, celebrando a diversidade e a riqueza cultural dos povos tradicionais da nossa região.

**Natalia Monteiro Guterres**

Professora Licenciada em Letras Português/ Espanhol

Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Estrangeira

Revisora de textos

## **Cesar Augusto**

Desenhista

**P**ra mim, foi muito gratificante receber o convite de desenhar algumas artes para o livro, eu já tenho uma relação com o Instituto e com a Mundo Livre, presto serviço desenhando. Conheço o Cristiano há muitos anos e ele sempre me incentivou a desenhar. Fazer desenhos que falam sobre a cultura negra e de terreiro é muito especial, visto que sou homem negro e convivi com um terreiro na casa dos meus avós paternos, Wilmar do Caboclo Girassol e Santa do Caboclo Ubirajara da Marola do C.E.U Caminhos de Girassol. As sessões eram no pátio da minha casa, nos fundos moravam minha avó e meu tio que era tamboreiro. Então, tudo isso é sobre coisas que falam com minha ancestralidade e minha infância e do que eu gosto de fazer, que é desenhar. Obrigado.

**Cesar Augusto de Souza Pereira**

Desenhista

## **Fernando Rafael da Costa Bitello**

Presidente do COMDICA

### **Respeito às Raízes: Um olhar sobre a Cultura Indígena, Quilombola e de Povos de Terreiro**

**C**omo presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (COMDICA) de Rio Grande, é com grande satisfação que compartilho minhas reflexões sobre a importância do projeto “Projeto Coletânea: Minha história, Minha tradição”, uma iniciativa dedicada à valorização e preservação das culturas indígenas, quilombolas e de povos de terreiro de nosso município. Esse projeto, elaborado pelo Instituto Cultural Filhos de Aruanda, representa um marco na nossa história municipal, trazendo à tona a riqueza cultural e a resiliência dessas comunidades, muitas vezes esquecidas ou invisibilizadas.

A ideia de criar um projeto que abordasse a história e as tradições dos povos tradicionais surgiu de longos debates por esse conselho e da necessidade de promover um entendimento mais profundo e respeitoso dessas culturas entre as gerações atuais e futuras. Ao longo dos 4 anos em que estive à frente do COMDICA, testemunhei a carência de iniciativas que realmente colocassem em evidência a contribuição dessas comunidades para o tecido social e cultural do nosso município.

O edital do COMDICA específico para projetos contemplando os povos tradicionais e de interior do nosso município foi um grande passo para a materialização dessa ideia. A resposta do Instituto Cultural Filhos de Aruanda em aceitar este desafio foi imediata. Eles se propuseram a não apenas documentar, mas a documentar a rica cultura de nosso município através da escrita de um livro, pelo olhar de crianças e adolescentes. Esse livro, intitulado “Projeto Coletânea: Minha história, Minha tradição” , pretende ser um novo horizonte de conhecimento

e reconhecimento, trazendo à tona histórias e tradições que formam a base da nossa identidade coletiva.

Os povos indígenas, primeiros habitantes destas terras, possuem um legado cultural imenso. Suas práticas, crenças e conhecimentos sobre a natureza são tesouros que merecem ser conhecidos e preservados. O Projeto “Projeto Coletânea: Minha história, Minha tradição” dedica um espaço significativo para explorar as histórias orais e as tradições que têm sido transmitidas de geração em geração. Além disso, é vital reconhecer a luta contínua desses povos pela preservação de seus direitos e territórios. Ao dar voz a essas narrativas, esperamos sensibilizar a população sobre a importância de respeitar e proteger a natureza.

As comunidades quilombolas, formadas por descendentes de africanos escravizados, são testemunhos vivos de resistência e resiliência. Sua história é marcada por lutas incessantes pela liberdade e pela manutenção de suas tradições culturais e sociais. O Projeto “Projeto Coletânea: Minha história, Minha tradição” se propõe a explorar, através do olhar de crianças e adolescente, a rica herança cultural dessas comunidades, possivelmente incluindo suas celebrações, culinária, música e danças, que são manifestações vibrantes de sua identidade e resistência. Através das páginas deste livro, veremos como cada participante pode lançar luz sobre as contribuições inestimáveis dos quilombolas para a diversidade cultural do nosso município, ao mesmo tempo em que enfatizamos a necessidade de continuar apoiando suas lutas por direitos e reconhecimento.

O nosso município também é lar de comunidades de terreiro desde sempre, cujas histórias e tradições são igualmente valiosas. Esses terreiros que têm vivido em harmonia com a natureza e mantido vivas práticas culturais únicas. Cada uma dessas comunidades possui uma história distinta que contribui para a riqueza cultural do nosso município, e a escrita dessas crianças tem como objetivo capturar um pouco da essência dessas culturas diversas, apresentando suas histórias de vida, suas lutas e suas celebrações.

## Um Legado para o Futuro

O projeto “Projeto Coletânea: Minha história, Minha tradição” é, sem dúvida, um marco inovador em nossa história. Não me recordo de outra iniciativa de tamanha importância e abrangência em nosso Conselho de Direitos. Esse livro não é apenas uma celebração do passado, mas um compromisso com o futuro. Ao documentar e compartilhar essas histórias, o Instituto está criando um legado para nossos filhos e netos, uma visão mais inclusiva e respeitosa da nossa cultura e sociedade.

Através desse projeto, o COMDICA reforça seu compromisso com um futuro melhor para todas as crianças e adolescentes, com um olhar mais apurado e sensível para as comunidades tradicionais que tanto nos honram. A escrita desse livro torna tudo ainda mais interessante e empolgante, proporcionando uma plataforma para que essas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Esse projeto tem sido uma honra e uma responsabilidade, e esse Conselho o abraça com muito orgulho. Esse será um testemunho da rica diversidade cultural do nosso município e um apelo à ação para que continuemos a valorizar e proteger essas tradições, servindo como uma ponte entre gerações, promovendo o respeito, a compreensão e a celebração das culturas indígenas, quilombolas e de povos de terreiro do Rio Grande.

Estou confiante de que, através desse trabalho, estamos construindo um legado duradouro que irá inspirar e educar futuras gerações, assegurando que as vozes daqueles que vieram antes de nós continuem a ressoar com força e clareza.

**Fernando Rafael Bitello**

Presidente do COMDICA -*Gestão 2022-2024*



# **LEGISLAÇÕES PERTINENTES**

# **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**

## TÍTULO II

### DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS

#### CAPÍTULO I

#### DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

#### CAPÍTULO III DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO

##### Seção I DA EDUCAÇÃO Art. 205. A educação, direito de todos e

dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua

qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições

para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

#### CAPÍTULO VII DA FAMÍLIA, DA CRIANÇA, DO ADOLESCENTE E

##### DO IDOSO Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado

assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à

profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a

salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

## **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990**

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

O poder público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório.

Artigo 71. A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

## **Agenda 2023 - ODS**

A ONU e seus parceiros no Brasil estão trabalhando para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. São 17 objetivos ambiciosos e interconectados que abordam os principais desafios de desenvolvimento enfrentados por pessoas no Brasil e no mundo.

## **Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Estes são os objetivos para os quais as Nações Unidas estão contribuindo a fim de que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil.



## Agenda 227

A Agenda 227 conta atualmente com 461 organizações signatárias. Cerca de 154 dessas entidades participaram da construção de um conjunto de propostas de políticas públicas abrangendo 22 áreas temáticas, com o objetivo de colocar crianças e adolescente no centro do desenvolvimento do país. O resultado é o “Plano País para a Infância e a Adolescência”, apresentado a todas as candidaturas à Presidência da República durante as eleições de 2022.

Mas o movimento não termina com o final das eleições. Agora temos o compromisso de monitorar e avaliar as ações e metas propostas pelo “Plano País” apoiando e cobrando do governo brasileiro a implementação dessas políticas, a partir diálogo qualificado com diversos entes do governo federal e com o Congresso Nacional.

O Artigo 227 da Constituição prevê que, em qualquer situação, os interesses da criança e do adolescente sejam garantidos com prioridade absoluta.

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.” Art. 227 da Constituição Federal

## **DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007**

Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea “a”, da Constituição,

### **DECRETA:**

Art. 1º Fica instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT, na forma do Anexo a este Decreto.

Art. 2º Compete à Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - CNPCT, criada pelo Decreto de 13 de julho de 2006, coordenar a implementação da Política Nacional para o Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Art. 3º Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações; e

III - Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras.

Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 7 de fevereiro de 2007; 186º da Independência e 119º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Patrus Ananias*

*Marina Silva*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 8.2.2007.

# ANEXO

## **POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS**

### PRINCÍPIOS

Art. 1º As ações e atividades voltadas para o alcance dos objetivos da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais deverão ocorrer de forma intersetorial, integrada, coordenada, sistemática e observar os seguintes princípios:

I - o reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade socioambiental e cultural dos povos e comunidades tradicionais, levando-se em conta, dentre outros aspectos, os recortes etnia, raça, gênero, idade, religiosidade, ancestralidade, orientação sexual e atividades laborais, entre outros, bem como a relação desses em cada comunidade ou povo, de modo a não desrespeitar, subsumir ou negligenciar as diferenças dos mesmos grupos, comunidades ou povos ou, ainda, instaurar ou reforçar qualquer relação de desigualdade;

II - a visibilidade dos povos e comunidades tradicionais deve se expressar por meio do pleno e efetivo exercício da cidadania;

III - a segurança alimentar e nutricional como direito dos povos e comunidades tradicionais ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis;

IV - o acesso em linguagem acessível à informação e ao conhecimento dos documentos produzidos e utilizados no âmbito da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais;

V - o desenvolvimento sustentável como promoção da melhoria da qualidade de vida dos povos e comunidades tradicionais nas gerações atuais, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras e respeitando os seus modos de vida e as suas tradições;

VI - a pluralidade socioambiental, econômica e cultural das comunidades e dos povos tradicionais que interagem nos diferentes biomas e ecossistemas, sejam em áreas rurais ou urbanas;

VII - a promoção da descentralização e transversalidade das ações e da ampla participação da sociedade civil na elaboração, monitoramento e execução desta Política a ser implementada pelas instâncias governamentais;

VIII - o reconhecimento e a consolidação dos direitos dos povos e comunidades tradicionais;

IX - a articulação com as demais políticas públicas relacionadas aos direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais nas diferentes esferas de governo;

X - a promoção dos meios necessários para a efetiva participação dos Povos e Comunidades Tradicionais nas instâncias de controle social e nos processos decisórios relacionados aos seus direitos e interesses;

XI - a articulação e integração com o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional;

XII - a contribuição para a formação de uma sensibilização coletiva por parte dos órgãos públicos sobre a importância dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e do controle social para a garantia dos direitos dos povos e comunidades tradicionais;

XIII - a erradicação de todas as formas de discriminação, incluindo o combate à intolerância religiosa; e

XIV - a preservação dos direitos culturais, o exercício de práticas comunitárias, a memória cultural e a identidade racial e étnica.

#### OBJETIVO GERAL

Art. 2º A PNPCT tem como principal objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais,

econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Art. 3º São objetivos específicos da PNPCT:

I - garantir aos povos e comunidades tradicionais seus territórios, e o acesso aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam para sua reprodução física, cultural e econômica;

II - solucionar e/ou minimizar os conflitos gerados pela implantação de Unidades de Conservação de Proteção Integral em territórios tradicionais e estimular a criação de Unidades de Conservação de Uso Sustentável;

III - implantar infra-estrutura adequada às realidades sócio-culturais e demandas dos povos e comunidades tradicionais;

IV - garantir os direitos dos povos e das comunidades tradicionais afetados direta ou indiretamente por projetos, obras e empreendimentos;

V - garantir e valorizar as formas tradicionais de educação e fortalecer processos dialógicos como contribuição ao desenvolvimento próprio de cada povo e comunidade, garantindo a participação e controle social tanto nos processos de formação educativos formais quanto nos não-formais;

VI - reconhecer, com celeridade, a auto-identificação dos povos e comunidades tradicionais, de modo que possam ter acesso pleno aos seus direitos civis individuais e coletivos;

VII - garantir aos povos e comunidades tradicionais o acesso aos serviços de saúde de qualidade e adequados às suas características sócio-culturais, suas necessidades e demandas, com ênfase nas concepções e práticas da medicina tradicional;

VIII - garantir no sistema público previdenciário a adequação às especificidades dos povos e comunidades tradicionais, no que diz respeito às suas atividades ocupacionais e religiosas e às doenças decorrentes destas atividades;

IX - criar e implementar, urgentemente, uma política pública de saúde voltada aos povos e comunidades tradicionais;

X - garantir o acesso às políticas públicas sociais e a participação de representantes dos povos e comunidades tradicionais nas instâncias de controle social;

XI - garantir nos programas e ações de inclusão social recortes diferenciados voltados especificamente para os povos e comunidades tradicionais;

XII - implementar e fortalecer programas e ações voltados às relações de gênero nos povos e comunidades tradicionais, assegurando a visão e a participação feminina nas ações governamentais, valorizando a importância histórica das mulheres e sua liderança ética e social;

XIII - garantir aos povos e comunidades tradicionais o acesso e a gestão facilitados aos recursos financeiros provenientes dos diferentes órgãos de governo;

XIV - assegurar o pleno exercício dos direitos individuais e coletivos concernentes aos povos e comunidades tradicionais, sobretudo nas situações de conflito ou ameaça à sua integridade;

XV - reconhecer, proteger e promover os direitos dos povos e comunidades tradicionais sobre os seus conhecimentos, práticas e usos tradicionais;

XVI - apoiar e garantir o processo de formalização institucional, quando necessário, considerando as formas tradicionais de organização e representação locais; e

XVII - apoiar e garantir a inclusão produtiva com a promoção de tecnologias sustentáveis, respeitando o sistema de organização social dos povos e comunidades tradicionais, valorizando os recursos naturais locais e práticas, saberes e tecnologias tradicionais.

## D OS INSTRUMENTOS DE IMPLEMENTAÇÃO

Art. 4º São instrumentos de implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais:

I - os Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais;

II - a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo Decreto de 13 de julho de 2006;

III - os fóruns regionais e locais; e

IV - o Plano Plurianual.

## DOS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Art. 5º Os Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais têm por objetivo fundamentar e orientar a implementação da PNPCT e consistem no conjunto das ações de curto, médio e longo prazo, elaboradas com o fim de implementar, nas diferentes esferas de governo, os princípios e os objetivos estabelecidos por esta Política:

I - os Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais poderão ser estabelecidos com base em parâmetros ambientais, regionais, temáticos, étnico-socio-culturais e deverão ser elaborados com a participação equitativa dos representantes de órgãos governamentais e dos povos e comunidades tradicionais envolvidos;

II - a elaboração e implementação dos Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais poderá se dar por meio de fóruns especialmente criados para esta finalidade ou de outros cuja composição, área de abrangência e finalidade sejam compatíveis com o alcance dos objetivos desta Política; e

III - o estabelecimento de Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais não é limitado, desde que respeitada a atenção equiparada aos diversos segmentos dos povos e comunidades tradicionais, de modo a não convergirem exclusivamente para um tema, região, povo ou comunidade.

## DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 6º A Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais deverá, no âmbito de suas competências e no prazo máximo de noventa dias:

I - dar publicidade aos resultados das Oficinas Regionais que subsidiaram a construção da PNPCT, realizadas no período de 13 a 23 de setembro de 2006;

II - estabelecer um Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável para os Povos e Comunidades Tradicionais, o qual deverá ter como base os resultados das Oficinas Regionais mencionados no inciso I; e

III - propor um Programa Multi-setorial destinado à implementação do Plano Nacional mencionado no inciso II no âmbito do Plano Plurianual.

## **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática «História e Cultura Afro-Brasileira», e dá outras providências

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)»

«Art. 79-A. (VETADO)»

“Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.”

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque*

## **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
*Fernando Haddad*

## **Resolução nº 181 de 10/11/2016 / CONANDA - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (D.O.U. 26/12/2016) Direitos e adequação.**

Dispõe sobre os parâmetros para interpretação dos direitos e adequação dos serviços relacionados ao atendimento de Crianças e Adolescentes pertencentes a Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil.

RESOLUÇÃO CONANDA Nº 181, DE 10 DE NOVEMBRO DE 2016 O CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE CONANDA, no uso das atribuições legais estabelecidas na Lei nº 8.242, de 12 de outubro de 1991 e no Decreto nº 5.089 de 20 de maio de 2004, Considerando o que estabelecem o art. 30 da Convenção sobre os Direitos da Criança, promulgada no Brasil pelo Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990, o Comentário Geral nº 11/2009 do Comitê das Nações Unidas dos Direitos da Criança, a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho, promulgada no Brasil pelo Decreto nº 5051, de 19 de abril de 2004, a Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, promulgada no Brasil pelo Decreto nº 6.177, de 1º de outubro 2007, a Declaração das Nações Unidas dos Direitos dos Povos Indígenas, a Declaração Americana dos Direitos dos Povos Indígenas, o art. 227 caput, o art. 231 caput e o art. 68 da ADCT da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) a Lei nº 11.645/2008 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, e o Decreto nº 6.040/2007 (Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais); CONSIDERANDO que povos e comunidades tradicionais são aqueles que assim se autodeclaram, segundo os critérios estabelecidos pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho e pelo Decreto nº 6.040/2007, dentre os quais se incluem povos indígenas, comunidades quilombolas, povos e comunidades

de terreiro/povos e comunidades de matriz africana, povos ciganos, pescadores artesanais, extrativistas, extrativistas costeiros e marinhos, caiçaras, faxinalenses, benzedeiros, ilhéus, raizeiros, geraizeiros, caatingueiros, vazanteiros, veredeiros, apanhadores de flores sempre vivas, pantaneiros, morroquianos, povo pomerano, catadores de mangaba, quebradeiras de coco babaçu, retireiros do Araguaia, comunidades de fundos e fechos de pasto, ribeirinhos, cipozeiros, andirobeiros, caboclos, entre outros; CONSIDERANDO que as Crianças e Adolescentes pertencentes a Povos e Comunidades Tradicionais são destinatárias da legislação nacional e de tratados internacionais de direitos humanos pertinentes à infância e adolescência, assim como dos relativos aos Povos e Comunidades Tradicionais, resolve: Aprovar os seguintes parâmetros para interpretação dos direitos e adequação dos serviços relacionados ao atendimento de Crianças e Adolescentes pertencentes a Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil: Art. 1º A aplicação da legislação pertinente à infância e à adolescência nas questões específicas que envolvam Crianças e Adolescentes oriundas de Povos e Comunidades Tradicionais deverá considerar as garantias jurídicas presentes na legislação específica dos Povos e Comunidades Tradicionais, assim como a autodeterminação, as culturas, os costumes, os valores, as formas de organização social, as línguas e as tradições. Art. 2º Devem ser respeitadas as concepções diferenciadas dos diversos povos e comunidades tradicionais acerca dos ciclos de vida que compreendem o período legalmente estabelecido como infância, adolescência e fase adulta. Art. 3º Considera-se fundamental que a legislação pertinente aos Povos e Comunidades Tradicionais seja considerada para a formulação e a aplicação em todas as medidas relacionadas a Crianças e Adolescentes de Povos e Comunidades Tradicionais, de modo a assegurar que possam ter acesso aos serviços culturalmente apropriados no âmbito da saúde, da alimentação, da educação, dos serviços socioassistenciais, das medidas socioeducativas, das atividades de esporte e lazer, da convivência familiar e comunitária, do trabalho, do saneamento básico, da segurança pública, do meio ambiente e da seguridade territorial, entre outras questões. Parágrafo Único. Para a adequação cultural dos serviços existentes ou a serem criados no âmbito das

políticas setoriais, de caráter público ou privado, considera-se necessária a adoção dos seguintes requisitos: a) Participação de lideranças, organizações, comunidades, famílias, crianças e adolescentes de Povos e Comunidades Tradicionais nos espaços de planejamento, nos processos de tomada de decisões e na fiscalização dos serviços, respeitando a igualdade de gênero; b) Inserção de profissionais de quaisquer áreas de formação com conhecimento das tradições e costumes dos Povos e Comunidades Tradicionais ou de profissionais oriundos de Povos e Comunidades Tradicionais na equipe técnica das instituições do Sistema de Garantia de Direitos, especialmente nas cidades e regiões com a presença de Povos e Comunidades Tradicionais; c) Disponibilização de informações aos Povos e Comunidades Tradicionais sobre os serviços e os direitos de crianças e adolescentes em linguagem culturalmente acessível e, preferencialmente, nas línguas étnicas; d) Formação permanente aos profissionais do Sistema de Garantia de Direitos sobre as histórias, as culturas e os direitos de Povos e Comunidades Tradicionais, assim como a forma de aplicação intercultural dos direitos das crianças e dos adolescentes, de modo a assegurar a melhoria do atendimento e o respeito à diversidade cultural, particularmente na matriz curricular das Escolas de Conselhos; e) Fluxos operacionais sistêmicos de atendimento do Sistema de Garantia de Direitos que dialoguem com as instâncias internas de Povos e Comunidades Tradicionais, reconhecendo suas práticas tradicionais; f) Medidas específicas que contemplem as realidades e os direitos de crianças e adolescentes pertencentes aos Povos e Comunidades Tradicionais nos planos setoriais e intersetoriais a serem elaborados ou atualizados nas três esferas de governo; g) Aprimoramento da coleta de dados cadastrais do Sistema de Garantia de Direitos voltados para Crianças e Adolescentes de Povos e Comunidades Tradicionais do quesito cor ou raça, de acordo com as categorias do IBGE, e inclusão do quesito etnia. Art. 4º Orienta-se que os serviços ofertados às crianças e aos adolescentes de Povos e Comunidades Tradicionais que residem, temporária ou permanentemente, no espaço urbano e em situação de itinerância, deem especial atenção aos seus direitos, prezando pelo reconhecimento do direito à autodenominação e pelo enfrentamento de tratamentos

discriminatórios. motivos Parágrafo Único. São consideradas crianças e adolescentes em situação de itinerância aquelas pertencentes aos Povos e Comunidades Tradicionais que vivem em tal condição por culturais, políticos, econômicos Art. 5º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

FABIO JOSE GARCIA PAES Presidente do Conselho

## **RESOLUÇÃO Nº 214, DE 22 DE NOVEMBRO DE 2018**

Estabelecer recomendações aos Conselhos Estaduais, Distrital e Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente, visando a melhoria da participação de crianças, adolescentes e demais representações de povos e comunidades tradicionais no controle social dos direitos de crianças e adolescentes. O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – CONANDA, no uso das atribuições legais estabelecidas no art. 2º da Lei n.º 8.242, de 12 de outubro de 1991, no art. 2º do Decreto nº 5.089, de 20 de maio de 2004, e no art. 35 do Regimento Interno do Conanda, em conformidade com o deliberado pela 234ª Assembleia Ordinária, realizada nos dias 12 e 13 de novembro de 2014; CONSIDERANDO o Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes; Considerando a Convenção nº 169/1989 da Organização Internacional do Trabalho – OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada no Brasil pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004; CONSIDERANDO o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais; CONSIDERANDO a Convenção sobre os Direitos da Criança, promulgada no Brasil pelo Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990; CONSIDERANDO a Resolução CONANDA nº 181, de 10 de novembro de 2016, em especial as diretrizes contidas no artigo 3º e Parágrafo Único, visando a adequação dos serviços da rede de proteção para atendimento intercultural de crianças e adolescentes de povos e comunidades tradicionais; CONSIDERANDO a Resolução CONANDA nº 197, de 3 de agosto de 2017, que instituiu Grupo Temático com a finalidade de formular e propor estratégias de articulação de políticas públicas e serviços para o atendimento e para a promoção, proteção e defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes pertencentes a povos e comunidades tradicionais; RESOLVE: Art. 1º Estabelecer recomendações aos Conselhos Estaduais, Distrital e Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente, visando à participação de crianças, adolescentes e demais representantes de povos e comunidades tradicionais, de modo a: I – promover a participação de representantes de povos

e comunidades tradicionais na condição de conselheiros de direitos, por meio de estratégias de incentivo à inscrição nos processos eletivos e de destinação de vagas específicas para serem ocupadas por tais representações; II – fomentar a inclusão de adolescentes representantes de povos e comunidades tradicionais nas instâncias de participação de Adolescentes, assegurando efetivas condições de participação; III – oportunizar e garantir a inserção de medidas que atendam às demandas de crianças e adolescentes de povos e comunidades tradicionais nos planos setoriais e intersetoriais de âmbito estadual, distrital e municipal, em especial na elaboração e/ou na revisão do Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes; IV – fomentar a participação de crianças, adolescentes, famílias e lideranças de povos e comunidades tradicionais nas Conferências dos Direitos da Criança e do Adolescente, nas audiências públicas e em outros espaços de monitoramento e decisão sobre os direitos de crianças e adolescentes; V – divulgar o processo de inscrição e escolha dos membros do Conselho Tutelar e das organizações da sociedade civil dos Conselhos de Direitos, nas instâncias de representação de povos e comunidades tradicionais, assegurando-se a tradução e a linguagem culturalmente acessível, quando necessário; e VI - articular com instâncias governamentais e não governamentais de representação de povos e comunidades tradicionais existentes no território, como Fundação Cultural Palmares, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), a Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (CONAQ), entre outras, sobre temas atinentes à infância e adolescência desses povos. Art. 2º Recomendar a criação de Comissão Permanente ou Grupo de Trabalho no âmbito dos Conselhos Estaduais, Distrital e Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente para tratar do tema da promoção, proteção e garantia dos direitos de crianças e adolescentes de povos e comunidades tradicionais, visando à qualificação da atenção a este público. Parágrafo único. A Comissão Permanente ou Grupo de Trabalho deve promover a articulação e integração entre instâncias do Sistema de Garantia de Direitos, governamentais e das organizações da sociedade civil, incluindo aquelas oriundas de povos e comunidades tradicionais, para viabilizar o

conhecimento e a implementação das diretrizes contidas na Resolução CONANDA nº 181, de 10 de novembro de 2016, e demais garantias jurídicas asseguradas às crianças e aos adolescentes de povos e comunidades tradicionais, sobretudo no que se refere: I – à definição de medidas para a produção de diagnósticos periódicos sobre as realidades, as condições de vida e de acesso aos serviços da rede de proteção por crianças e adolescentes de povos e comunidades tradicionais, assegurando a ampla divulgação do material, inclusive em linguagem culturalmente acessível aos povos e comunidades tradicionais; II – à elaboração e à implantação de estratégias para a disseminação das informações contidas na Resolução CONANDA nº 181, de 10 de novembro de 2016, e demais garantias jurídicas, junto às crianças, aos adolescentes, às famílias, às lideranças, às comunidades, às organizações e às outras instâncias representativas de povos e comunidades tradicionais; III – à previsão de custeio, por meio do Fundo da Infância e da Adolescência, de ações prioritárias que contemplem demandas específicas de crianças e adolescentes de povos e comunidades tradicionais; IV – à definição de estratégias e diretrizes complementares para a oferta de serviços culturalmente adequados às crianças e aos adolescentes de povos e comunidades tradicionais, considerando as especificidades culturais e a autodeterminação de povos e comunidades tradicionais; V – às estratégias de capacitação e educação permanente sobre a temática, direcionadas aos conselheiros de direitos, aos conselheiros tutelares, aos gestores e aos profissionais que atuam em órgãos de promoção, proteção, defesa e controle social dos direitos das crianças e dos adolescentes; VI – ao planejamento e execução de atividades que elaborem ou revisem os fluxos de atendimento intercultural às crianças e aos adolescentes de povos e comunidades tradicionais, assegurando a participação de povos e comunidades tradicionais; VII – à articulação intersetorial entre políticas públicas, sobretudo de Assistência Social, Educação, Saúde, Cultura, órgãos do Sistema de Justiça e de regularização do território de povos e comunidades tradicionais, visando à oferta de atendimento qualificado e integrado e a promoção, proteção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes adaptadas às realidades culturais de cada grupo; VIII – ao monitoramento das

denúncias de violação de direitos de crianças e adolescentes pertencentes a povos e comunidades tradicionais, em serviços públicos e privados de atendimento; IX – à promoção, junto à sociedade, de campanhas permanentes contra a discriminação e o preconceito sofridos por povos e comunidades tradicionais, especialmente aos afetos a crianças e adolescentes; X – à incidência, junto aos planos estaduais e municipais, de políticas públicas pela previsão de ações e metas específicas para crianças e adolescentes pertencentes a povos e comunidades tradicionais, assegurando a participação destes; e XI – à disposição sobre proposições ou alterações legislativas que impactem diretamente nos direitos de crianças e adolescentes de povos e comunidades tradicionais. Art. 3º É recomendada a participação, na Comissão Permanente ou Grupo de Trabalho, de representantes dos povos e comunidades tradicionais existentes na área de atuação do Conselho de Direito, além de representantes dos Conselhos da Assistência Social, Saúde, Educação e Cultura, dos órgãos gestores destas políticas, das organizações da sociedade civil que atuam na área, dos Conselhos Tutelares, do Sistema de Justiça e de órgãos de regularização do território de povos e comunidades tradicionais. Art. 4º Recomenda-se aos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente o prazo de 12 (doze) meses, a contar da data da publicação desta Resolução, para instituir e operacionalizar a Comissão Permanente ou Grupo de Trabalho. Art. 5º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

MARCO ANTÔNIO SOARES Presidente do CONANDA

## **CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE Aprovado na 265ª Assembleia Ordinária RESOLUÇÃO Nº. 197, DE 3 DE AGOSTO DE 2017**

Dispõe sobre a instituição de Grupo Temático com a finalidade de formular e propor estratégias de articulação de políticas públicas e serviços para o atendimento e para a promoção, proteção e defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes pertencentes a povos e comunidades tradicionais. O VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – CONANDA, no uso das atribuições legais estabelecidas no art. 2º da Lei n.º 8.242, de 12 de outubro de 1991, no art. 2º do Decreto n.º 5.089 de 20 de maio de 2004 e no art. 35 do Regimento Interno do Conanda, em conformidade com o deliberado pela 234ª Assembleia Ordinária, realizada nos dias 12 e 13 de novembro de 2014, e Considerando o Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes; Considerando o Decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais; Considerando a Convenção n.º 169/1989 da Organização Internacional do Trabalho – OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada no Brasil pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004; Considerando a Convenção sobre os Direitos da Criança, promulgada no Brasil pelo Decreto n.º 99.710, de 21 de novembro de 1990; Considerando a Resolução n.º 181, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente que dispõe sobre os parâmetros para interpretação dos direitos e adequação dos serviços relacionados ao atendimento de crianças e adolescentes pertencentes a Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil, resolve Art. 1º Instituir Grupo Temático com a finalidade de identificar, formular e propor diretrizes e estratégias de articulação de políticas públicas e serviços para o atendimento e para a promoção, proteção e defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes pertencentes a povos e comunidades tradicionais. Art. 2º Compete ao Grupo Temático: I - eleger critérios para definição do público alvo, plano de trabalho interno, metodologia de trabalho e cronograma de reuniões;

II - identificar pesquisas, fontes de informação, programas e serviços existentes em nível federal, estadual, distrital e municipal que versem sobre o atendimento a crianças e III adolescentes pertencentes a povos e comunidades tradicionais; - discutir e propor estratégias de pesquisas, estudos, aprimoramento de metodologias intersetoriais e articuladas de atendimento às crianças e aos adolescentes pertencentes a povos e comunidades tradicionais, bem como às suas famílias, nas políticas, programas e serviços existentes; IV - elaborar diretrizes e abordagens para o trabalho integrado no território com crianças e adolescentes pertencentes a povos e comunidades tradicionais, considerando as particularidades e as diversidades culturais dos segmentos; e I - Apresentar no Plenário todos os trabalhos concluídos pelo Grupo Temático. Parágrafo único. As propostas deverão ser apresentadas e submetidas à aprovação do plenário do CONANDA, conforme prevê o Regimento Interno. Art. 3º O Grupo Temático será composto por 8 (oito) representantes do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, respeitada a paridade entre Poder Executivo e Organizações da Sociedade Civil. §1º A coordenação e relatoria do Grupo Temático serão exercidas por conselheiros do CONANDA, respeitando a paridade, devendo seus nomes serem submetidos a Plenária. Art. 4º Poderão ser convidados a participar das atividades do Grupo Temático profissionais de órgãos e entidades públicas e privadas, das organizações da sociedade civil e notória saber cuja atuação seja relacionada ao tema objeto do Grupo Temático. Art. 5º O Grupo Temático terá o prazo de 180 (cento e oitenta) dias para a conclusão de seus trabalhos, contados a partir da data da sua publicação, prorrogáveis por igual período. Art. 6º As funções dos membros do Grupo Temático não serão remuneradas e seu exercício será considerado serviço público relevante. Art. 7º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

MARCO ANTÔNIO SOARES Vice- Presidente do CONANDA

## **O PONTO DE CULTURA E PONTO DE MEMÓRIA INSTITUTO CULTURAL FILHOS DE ARUANDA**

O INSTITUTO CULTURAL FILHOS DE ARUANDA foi fundado em 18/05/2012, ainda apenas um coletivo que se chamou de Núcleo Cultural Aruanda. No fim de 2015, o nome foi mudado para Instituto Cultural Filhos de Aruanda, pois o coletivo achou que o nome de Instituto dava uma importância maior e mais abrangente para o que estavam realizando. O Instituto Cultural Filhos de Aruanda -ICFA- desenvolve, desde de então, um relevante serviço junto à comunidade rio-grandina. Essas ações o levaram a ser certificados pelo Ministério da Cultura- MINC- como Ponto de Cultura e, recentemente, o Ministério da Cultura, junto com o IBRAM, certificaram o Instituto como Ponto de Memória. A Secretaria de Trabalho e Assistência Social do Estado reconhece o Instituto como instituição de Assistência Social, sendo também reconhecido como Instituição de Utilidade Pública pela Câmara Municipal de Rio Grande por unanimidade através da lei nº 8231/2018. A ênfase do ICFA é a cultura viva, a educação, a solidariedade e a assistência social, o esporte, o meio ambiente, salvaguarda de patrimônio material e imaterial e a defesa de direitos. Isso porque acreditamos que essas ações transformam vidas, levando crianças, jovens e adultos que vivenciam essas ações e projetos a se tornarem atores de suas histórias, formadores de opiniões e novas atitudes, vindo a atuarem nas suas comunidades como multiplicadores que, através da cultura, da educação e da solidariedade passam a fazer diferença em seus ambientes de vida. O Instituto é uma instituição sem fins lucrativos organizada para defender direitos humanos, as culturas e as comunidades tradicionais, elaborando eventos e projetos sociais, culturais, educacionais, esportivos e assistenciais alinhados com os 17 objetivos de desenvolvimento sustentáveis da agenda 2030, tanto em parceria com o poder público, bem como com os nossos colaboradores.

## Projetos , ações e Programas

- Projeto Mãos na Roda: Empréstimo de cadeira de rodas, botas, andadores, bengalas entre
- outros gratuitamente.
- Projeto Separados, mas Juntos: Distribuição de cestas básicas.
- Cia. De Dança, Teatro e Afoxé Filhos do Orum\*:
- Dança Diversas - atualmente Jazz.
- Teatro, técnicas, teoria e prática, esquetes e peças.
- Afoxé danças afro-brasileiras.
- Escola de Curimba Filhos de Aruanda: Aulas de percussão em atabaque.
- Projeto Trotes de Vida: Equoterapia para crianças e adolescentes com TEA e/ou transtornos comportamentais, projeto executado com recursos do Fundo dos direitos das Crianças e adolescentes do COMDICA de Rio Grande.
- Projeto Prodígio: Programação e games para crianças e adolescentes, projeto executado com recursos do Fundo dos direitos das Crianças e adolescentes do COMDICA de Rio grande.
- Biblioteca e Ponto de Leitura João Preto: Biblioteca comunitária aberta todos e todas que fazem parte dos projetos do Instituto e familiares, com diversos livros trazendo a temas antirracistas, diversidade racial e cultura popular brasileira, em construção um quadrinhoteca e uma jogoteca (jogos de tabuleiro).
- Cine Clube DeCA – Desenho Cinema e Anime: Oficinas, formações sobre audiovisual, filmagem, edição, ações, sessões de filmes, rodas de conversa sobre filmes, séries e jogos de tabuleiro.
- Podcast Cultura Ponto a Ponto: Programa de entrevistas, bate papos descontraídos sobre cultura e todos outros assuntos que nos cercam no dia a dia.
- Podcast Saúde e Cultura: Programa de entrevista, bate papos descontraídos sobre temas de meio ambiente, saúde em geral e como esses assuntos e temas afetam nosso dia a dia.

- Clube Educação, Prática e Oportunidade: Aulas de reforço de matemática e português, clube de leitura e oficinas de redação durante 12 meses.
- Ponto de Memória Espaço do Tambor: Ponto de Memória reconhecido pelo IBRAM, espaço para educação patrimonial, ensino sobre memória e ancestralidade da cultura afrobrasileira, HipHop, cultura negra e quilombola.
- Projeto Coletânea: Minha História Minha Tradição, projeto que visa aulas de escrita criativa e a edição e lançamento de um livro escrito por crianças e adolescentes de 4 comunidades tradicionais (Decreto Federal 6040), Povos Originários, Povos de Terreiro, Quilombolas e Pescadores.
- Curimba Rio Grande Festival Estadual de Tambores e Dança: Festival criado em 2012 pelo Instituto, hoje reconhecido como Patrimônio cultural através da lei 8885/2022, caminhando para sua 10 edição o Curimba reúne diversos artistas e fazedores da cultura negra e de terreiro sendo um dos únicos eventos desse porte e temática no estado, sendo um espaço de luta antirracista e de combate a intolerância religiosa e de fomentos da cultura viva, popular e comunitária.
- QUEBRADA EM SONS E MOVIMENTO: Projeto que dará início a Orquestra Filhos de Aruanda, formada por crianças e adolescentes beneficiários dos bairros assistidos pelo Instituto.
- ARTE E CIDADANIA: FORTALECENDO TALENTOS E VALORES: Projeto irá beneficiar cerca de 150 crianças/adolescentes durante 18 meses com aulas de voz e violão, confeitaria (bolos, pães e pizzas), jiu-jitsu e dança.
- DESPERTAR: ARTE, CIÊNCIA E MOVIMENTO. O Projeto irá beneficiar 100 crianças com aulas de capoeira, desenho clube de ciências e meio ambiente durante 12 meses.

Todas as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos que participam dos projetos recebem, uniformes, merenda, material didático gratuito. O Instituto está atualmente desde dezembro de 2019 no bairro Getúlio Vargas, um bairro centenário de zona portuárias, com grandes índices de violência, criminalidade e tráfico de drogas, índices estes que colocaram o bairro no

Programa RS Seguro, programa do governo estadual que mapeia os bairros, mais violentos e vulneráveis do estado. Mas temos alunos de todos as comunidades de Rio Grande incluindo de outros bairros que estão na Lista do RS Seguro. Os beneficiários são de maioria do bairro Getúlio Vargas, Santa Teresa, Lar Gaúcho, Navegantes, Mangueira que estão no entorno do Instituto, mas temos de diversos outros do município inclusive da Quinta, São Miguel, Quinta, Cassino, Parque São Pedro, Parque Marinha dentre outros. O Instituto já realizou projetos em parceria com a SEDAC, Plataforma MROSC com financiamento da União Europeia, FIO Cruz com financiamento do governo do Canadá, Secretaria estadual do esporte e CUFA, Ministério da Cultura, Itaú Social, Secult, Brazil Foundation RME com financiamento do Santander dentre diversos outros.

**Texto:** Cristiano Avila

**Instagram:** @ICfaruanda

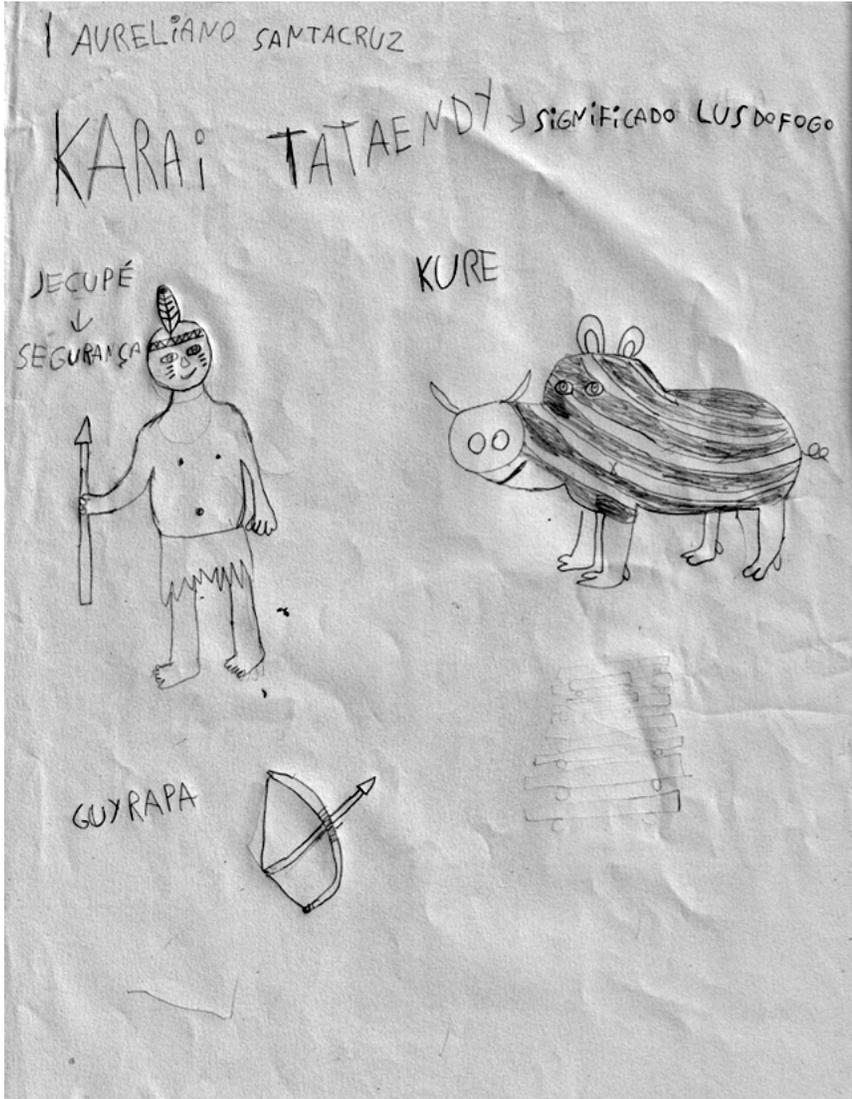
**Facebook:** Filhos de Aruanda ICFA

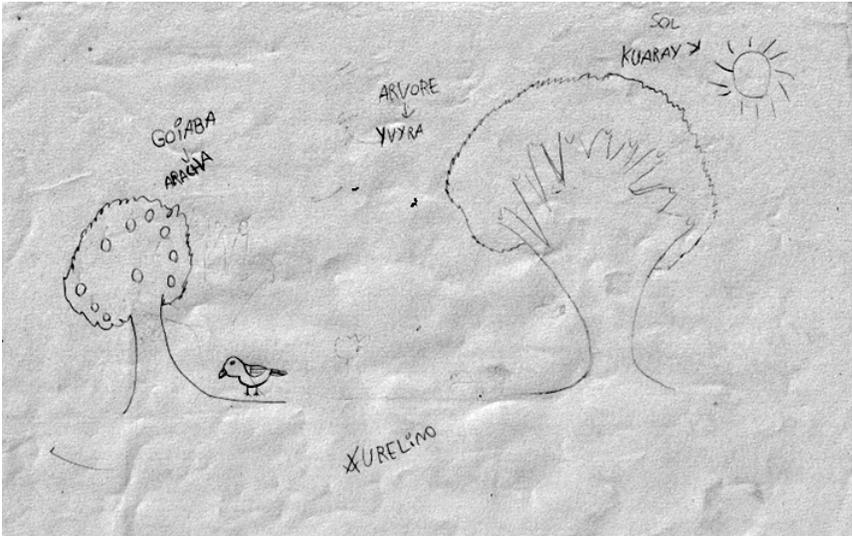
**Email:** instituto.aruanda@gmail.com

**Whats:** 53999547475

#ProjetosSãoParaVidaToda #JuntosSomosMaisFortes #ProjetosSociais  
#ProjetosCulturais

**EXTRAS  
MANUSCRITOS**





~~PARAI RETE~~  
PARAI RETE  
PARAI RETE  
PARAI RETE

PARAI RETE Tem  
o significado de  
NÃO temer a nada  
como fazer uma escolha  
se eu fazer uma escolha  
errada eu vejo isso depende  
de mi digamos que eu escolhi  
um caminho errado eu to no  
fundo da poeira mas isso não  
me impede de seguir enfrente

Tataëndy - Karai é nome dado dos espíritos da natureza, que é dado somente na casa de rezar (OPY'i), o ritual ocorre a cada final do ano em Dezembro; que é mês de renovação, prosperidade e consagração do Tupã.

Tataëndy é tipo um sobrenome. Tato significa fogo, e Endy significa luz, ou algo que emite brilho ou luz e daí junto é "Tataëndy" que significa "Luz do Fogo". Tataëndy é que vai definir as suas características como pessoa e o seu modo de viver.

Karai Tataëndy é sua característica de acordo com o meu avô que é Pajé e também carregava o nome de Karai Tataëndy;

Bom "Karai Tataëndy" é uma pessoa forte, guerreiro, que age com bravura e é o mais poderoso guerreiro do etno Guaraní. Na história dos Mbya Guaraní; os guerreiros mais fortes e poderosos eram os Karai Tataëndy e também eram os únicos dos maiorais que assumia o posto de Pajé, quando se atinge o nível de ser honrado assumir o nome de Pajé; significa que você atingiu o nível mais alto de sabedoria do mundo, falar com os espíritos da natureza, até mesmo ver o futuro e também fazer ritual mais sagrado de dar os nomes dos futuros guerreiros e guerreiros e abençoar o início da renovação.

Mateu Ortíz

Karai Tataëndy



MORRELA QUANDO NASCE VIRA BEBÊ E DEPOIS PARA CRIANÇA E DE  
POIS E VIRA PRÉ ADOLESCENTE E DEPOIS ADOLESCENTE E DEPOIS VIRA ADULTO E DEPOIS DE ADULTO  
VIRA SENHOR DE IDADE E DEPOIS DE SENHOR DE IDADE VIRA MORTE E FIM.

SAMUCA.



R.P.i



“O QUE É ELE UMA PESSOA NORMAL QUE AS OUTRAS  
MAIS ELE SEU OPERADORE DE OUTRAS ELETORAL POUS AMIGOS  
SÃO DIOGO ANDRÉI WESLEY GUILERME CERERE É O GUILERME  
NICOLAI LUIZ NIGUICAL E ... ELETORAL 2 JARDOS OS  
NOMES DECS SÃO SIMON VICIAN OS NOMES DO BANSU DELE  
SÃO JOSÉ ROBERTO E SUELEN DOS ANJOS ESCOLA LACRIMHA  
ELE ESTÁ NO 4º ANO E ELE SE TORNA UMA VIDA NORMAL  
VIA ...”

O QUE É O FUTURO? PARA MIM É EU VENDO AS COISAS  
QUE TERIA NO FUTURO POR EXEMPLO UM COLUCCIUM VIDEO  
GAME TER UM CARRO COM 37 ANOS E MUITO DEO E MAS  
NÃO TERIA FILHO TERIA DOIS CESTOROS UM ROTINA  
LÉO E UM PASTOR ACENSO.

ROTINHA

ROTINHA

SMALL

D	S	T	O	N	S
D	L	M	M	J	U

Meu nome é Natalhy Rosa de Sá  
 Tenho 46 anos. Tenho pouco tempo  
 de religião.

Frequento pouco tempo. Meu Terreiro  
 é simples. Tem mais ou menos  
 umas 15 pessoas. Todos que vão  
 são de todas as idades.

É bom participar das rodas de  
 umbandas, moções, exus. Gosto de  
 tudo um pouco. Não sou iniciado.  
 Sim já fiz chão mais não sou pronto.  
 Sempre me senti muito bem acolhi-  
 da dentro da religião. Minha família  
 toda ela é também.

Os dias de Terreiro é mais nas  
 datas ou quando fazem chão.  
 Sempre aos fins de semana a  
 maioria trabalha.

Já aconteceu várias coisas de  
 bem dentro da religião e na minha  
 vida. De pior eu girar, sabe muito  
 medo.

As pessoas são loucas julgam  
 sem saber que só se faz o bem  
 na minha casa.

Poros tradicionais são índios,  
 Africanos. e

Sempre faz nas datas comemora-  
 (ões) rativas. As festas

O pai Pedro meu bisavo faz  
 bastante e nos ajuda mas em um  
 todo.

Meu Terreiro, se comunica

Umbanda é meu  
LAR

Sou filha de Umbanda  
Meu lar é lá  
Criada e criada  
em um só lugar

Amo girar e dançar

"Pontos" somente isso que no cantar

Como não Aman?

Como não chamar de lar?

Se é somente isso  
que que no Aman.

Ame Vitória





COLETÂNEA- MINHA TRADIÇÃO MINHA HISTÓRIA

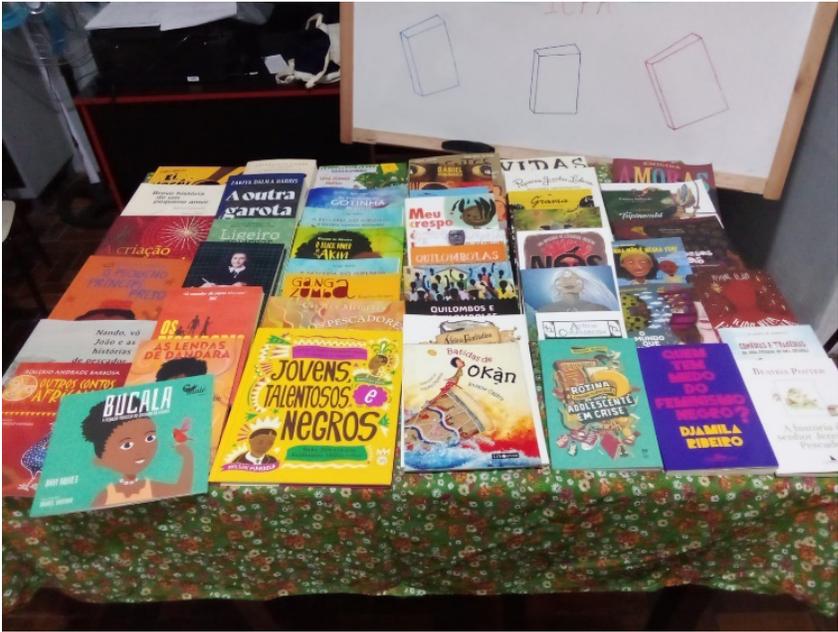
ESCRITA CRIATIVA

O TERRENO DA RELIGIÃO É BRANCO O  
BRANCO SIGNIFICA PAZ EU ACHO NA  
MINHA PRIMEIRA VÍZ NUM TERRENO  
REVELOSO EU ACHEI ESTRANHO PORQUE  
EU NÃO ESTAVA ACOSTUMADO NUM LUGAR RELIGIOSO  
E AI EU FIQUEI ENVERGANDO ALDE AI  
EU ME SENTI NUMA CADEIA E AI EU SO  
FIQUEI CANTANDO TIVE UMA HORA QUE EU  
FIQUEI ASSUSTADO PORQUE A MINHA MÃE  
ESTAVA COM O CABELO NA CABEÇA E NINGUÉM  
ELA DIZ QUE LEJEU MAS AGORA EU ESTOU  
ACOSTUMADO EM IR EM TERRENO QUE  
O DEUS QUE TO PREFIKIR PAZ

Arthur  
10 Anos

20/04/2024

# **FOTOS DO PROJETO**













## REFERÊNCIAS

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

<https://www.gov.br/participamaisbrasil/conanda>

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm)

<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/populacoes-tradicionais>

<https://institutofilhosdearuanda.org.br/>

<https://comdicarg.com.br/>



[casalettras.com](http://casalettras.com)



9 786552 200129

ISBN: 978-65-5220-012-9